



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

JOÃO VÍTOR DE LIMA

**CAPITALISMO, SUSTENTABILIDADE E SOBREVIVÊNCIA: UMA
ANÁLISE ECOCRÍTICA DE *DUNA*, DE FRANK HERBERT**

CAMPINA GRANDE - PB

2023

JOÃO VÍTOR DE LIMA

**CAPITALISMO, SUSTENTABILIDADE E SOBREVIVÊNCIA:
UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DE *DUNA*, DE FRANK
HERBERT**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva

CAMPINA GRANDE - PB

2023

L732c

Lima, João Vítor de.

Capitalismo, sustentabilidade e sobrevivência: uma análise ecocrítica de *Duna*, de Frank Herbert / João Vítor de Lima. – Campina Grande, 2023.

52 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva".

Referências.

1. Análise Literária. 2. Crítica e Interpretação Literária. 3. Literatura Estadunidense. 4. Romance Estadunidense. 5. Ecocrítica – Sobrevivência e Sustentabilidade. 6. Capitalismo. 7. Herbert, Frank Patrick, 1920-1986. I. Silva, Suênio Stevenson Tomaz da. II. Título.

CDU 82.09(043)

JOÃO VÍTOR DE LIMA

**CAPITALISMO, SUSTENTABILIDADE E SOBREVIVÊNCIA:
UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DE *DUNA*, DE FRANK
HERBERT**

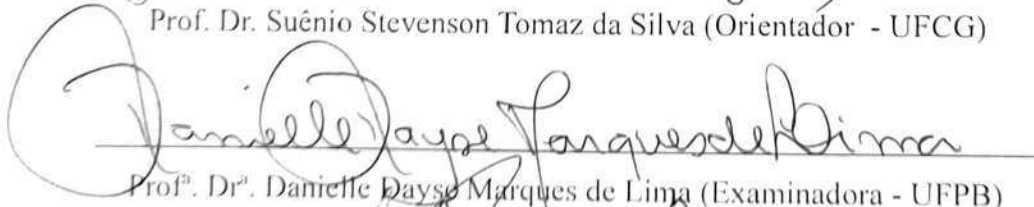
Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua
Inglesa da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial à conclusão do
curso.

Aprovada em 15 de fevereiro de 2023

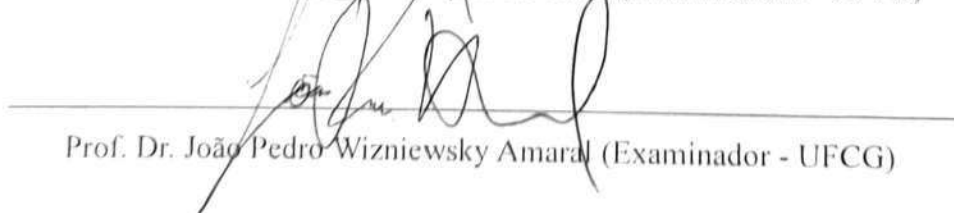
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (Orientador - UFCG)



Prof.ª Dr.ª Danielle Dayse Marques de Lima (Examinadora - UFPB)



Prof. Dr. João Pedro Wizniewsky Amaral (Examinador - UFCG)

CAMPINA GRANDE - PB

2023

Dedico este trabalho aos povos nativos de todo o globo que sofrem diariamente as consequências das crises ambientais em nome de um falso progresso, em especial aos povos Yanomamis, vítimas de uma crise humanitária sem precedentes, consequência de um governo que age com descaso para com seus povos originários.

AGRADECIMENTOS

Embarcar na jornada acadêmica não é tarefa fácil, mas tudo se torna mais prazeroso quando feito em companhia. Ao olhar para trás me orgulho do caminho que trilhei e ele não teria sido o mesmo sem a presença de tantas almas boas com quem cruzei, cabe a mim relembrar alguns dos nomes, e agradecer por terem me dado a mão e me ajudado a chegar onde cheguei.

À minha mãe que passou e ainda passa por muitas adversidades para criar seus filhos da melhor maneira possível. Pelo amor, pelos conselhos e pelo apoio imensurável. Por acreditar que o que quer que eu escolhesse fazer, eu faria com grandiosidade. Por me tornar quem sou hoje e por me dar base para crescer sempre mais. Sua trajetória vai me inspirar para todo o sempre.

Ao meu irmão Johnathan e à minha irmã Mariana que sabem melhor que ninguém os percalços que tivemos que passar como irmãos. Por tornarem minha vida mais leve, por me ensinarem a sorrir sempre, por nunca saírem do meu lado quando eu precisei e por me mostrarem o verdadeiro significado do que é ser família.

Ao professor Suênio, com quem eu construí uma relação de companheirismo nos últimos 4 anos, por acreditar em mim desde o nosso primeiro encontro, pelos inúmeros convites para publicar, apresentar, pesquisar e ministrar juntos. Por me apresentar a necessidade do estudo ecocrítico e me guiar dentro dessa área. Por todos os ensinamentos que me ajudaram a crescer como pessoa e dentro da Academia.

À professora Danielle, quem primeiro me abriu as portas para o mundo da literatura assim que ingressei no curso de Letras e fez com que eu me apaixonasse de cara pelo estudo literário. Pelos muitos ensinamentos e também pelas muitas risadas. Por ser essa professora e mulher incrível que inspira todos que cruzam o seu caminho.

A Tone, Neide, Sinara, Vivian, Normando, Marco, Garibaldi, Iá Niani e João Pedro, professores e professoras da Unidade Acadêmica de Letras, profissionais gigantes que, durante a graduação, me marcaram profundamente.

Ao grupo PET Letras, do qual fiz parte por dois anos, sob a tutoria da Professora Josilene, com quem aprendi muito sobre tudo que não cabe na grade curricular do curso.

A Gabriel Trovão, meu namorado, que aguentou todas as reclamações sobre este trabalho, ouviu minhas ideias e me ajudou a aperfeiçoá-las, por estar ao meu lado todo esse tempo e apoiar as minhas decisões.

À Letícia Coelho, com quem eu brincava de morar junto no ensino médio e com quem hoje eu divido a morada. Por 8 anos de amizade, amor e muita compreensão. Por todos os conselhos (os que eu segui e os que eu não segui), todas as conversas e todos os “textões”.

À Heloísa Nogueira, que grudou em mim no início da graduação e nunca mais largou, uma irmã de outra mãe. Pelas conversas, brigas, piadas, duetos e fofocas. Por me ensinar que não se deve levar a vida tão a sério e que às vezes é preciso relaxar e apreciar devidamente os bons momentos.

A Déborah e Maju, duas grandes amigas que fiz no curso e que espero levar para vida. Por dividir apereios e proporcionar tantos momentos de desabafo que me deixaram mais leve para seguir a luta.

A Paula e Jorge, dois anjos que me guiaram e me ajudaram enormemente na graduação. Por muitas vezes me tirarem da escuridão da incerteza e me trazerem de volta à luz.

A Quézia, Miriam, Dheyse, Elaine, Fábio e Milena, amigos que fiz na universidade e que tornaram meu dia-a-dia mais leve, o apoio de vocês foi vital para que eu chegasse até aqui.

À Universidade Federal de Campina Grande, um polo de conhecimento que me proporcionou o sonho de ingressar no ensino superior e promoveu tantos momentos de aprendizado.

*Nosso tempo é especialista em criar ausências:
do sentido de viver em sociedade, do próprio
sentido da experiência da vida. Isso gera uma
intolerância muito grande com relação a quem
ainda é capaz de experimentar o prazer de estar
vivo, de dançar, de cantar.*

Ailton Krenak, 2019.

*Live in each season as it passes; breathe the air,
drink the drink, taste the fruit, and resign
yourself to the influence of each.*

Henry David Thoreau, 1853.

*In the name of the Bee —
And of the Butterfly —
And of the Breeze — Amen!*

Emily Dickinson, 1858.

RESUMO

Resumo: Com o agravamento da crise climática pelo planeta, se vê necessário encontrar meios de comunicar esta problemática para a sociedade de maneira mais pessoal do que por dados científicos. Este trabalho se propõe a realizar uma análise ecocrítica do romance *Duna*, publicado originalmente em 1965, do escritor estadunidense Frank Herbert, com o objetivo de traçar paralelos entre a ficção e a realidade, de modo a difundir o romance como uma obra de caráter ambientalista. Para tanto, utilizou-se uma abordagem qualitativa e bibliográfica, analisando o texto narrativo do ponto de vista da ecocrítica. As obras *Sense of Place and Sense of Planet* de Ursula Heise (2008), *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor* de Rob Nixon (2011) e *Learning to Die in the Anthropocene* de Roy Scranton (2015) serviram de aporte teórico principal para fundamentar essa análise, que foca em três instâncias do enredo de *Duna*, o império, os nativos fremen e o protagonista Paul. Em suma, concluiu-se que a organização do império reflete um capitalismo selvagem e extremo que não possui impedimentos nem restrições na busca de um falso ideal de progresso que devasta a natureza e não se importa com vidas humanas em situações de risco. Os fremen representam os povos nativos e sua conexão com o natural, mostrando a necessidade do resgate de um modo de vida sustentável. Paul, por sua vez, se mostra como um elo entre esses dois opostos, vindo de uma família imperial, mas aprendendo os ideais fremen de sobrevivência e preservação no mundo natural, servindo como um modelo a ser seguido face às preocupações ambientais atuais. Por fim, foi possível afirmar a presença de uma mobilização da ecocrítica no romance de Frank Herbert e traçar paralelos com o mundo real, evidenciando a potencialidade da narrativa em comunicar a crise de modo mais pessoal ao leitor.

Palavras-chave: Duna. Ecocrítica. Sobrevivência. Capitalismo. Sustentabilidade.

ABSTRACT

Abstract: With the worsening of the climate crisis across the planet, it is necessary to find ways to communicate this problem to society in a more personal way than through scientific data. This work proposes to carry out an ecocritical analysis of the novel *Dune*, originally published in 1965, by the American writer Frank Herbert, with the aim of drawing parallels between fiction and reality, in order to disseminate the novel as an environmentalist work. For that, a qualitative and bibliographical approach was used, analyzing the narrative text from the point of view of ecocriticism. The works *Sense of Place and Sense of Planet* by Ursula Heise (2008), *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor* by Rob Nixon (2011) and *Learning to Die in the Anthropocene* by Roy Scranton (2015) served as the main theoretical contribution to support this analysis, which focuses on three instances of the *Dune* plot, the empire, the Fremen natives, and the protagonist Paul. In short, it was concluded that the organization of the empire reflects a wild and extreme capitalism that has no impediments or restrictions in the search for a false ideal of progress that devastates nature and does not care about human lives in risky situations. Fremen represent native peoples and their connection with nature, showing the need to rescue a sustainable way of life. Paul appears as a link between these two opposites, coming from an imperial family, but learning the Fremen ideals of survival and preservation in the natural world, serving as a model to be followed in the face of current environmental concerns. Finally, it was possible to affirm the presence of a mobilization of ecocriticism in Frank Herbert's novel and draw parallels with the real world, highlighting the narrative's potential to communicate the crisis in a more personal way to the reader.

Keywords: Dune. Ecocriticism. Survival. Capitalism. Sustainability.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O IMPÉRIO DA ESPECIARIA: O CAPITALISMO SELVAGEM DE DUNA.....	14
2.1 A civilização tríplice.....	14
2.2 Capitalismo, progresso e meio ambiente.....	16
2.3 A especiaria como recurso natural.....	24
3 OS FREMEN: POVOS NATIVOS E SUSTENTABILIDADE.....	27
3.1 O povo sem Caid nem Bashar.....	27
3.2 A água da vida.....	30
3.3 Os fremen e a Especiaria.....	33
3.4 A ecologia de Duna: analisando o passado e planejando o futuro.....	35
4 PAUL MUAD'DIB: O CAMINHO DA MUDANÇA.....	39
4.1 A trajetória do protagonista: o herói de muitos nomes.....	39
4.2 Percebendo o problema.....	44
4.3 Protagonizando a mudança: a tomada de ação.....	46
5 CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Muito se discute atualmente sobre as questões ambientais no mundo e no Brasil. As mídias se mostram cada vez mais interessadas em noticiar as consequências das mudanças climáticas nos ecossistemas globais. Se percebe que, a cada dia que passa, o problema se agrava mais, e se torna impossível de ignorar. Segundo dados do sexto relatório de avaliação do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas), publicado em fevereiro de 2022, algumas das consequências que o planeta Terra já enfrenta são: mudanças extremas de temperatura e clima, chuvas erráticas que estão aumentando a frequência e a disseminação de doenças, incêndios estão se espalhando mais rapidamente em períodos mais curtos, quase metade da população mundial sofre com a escassez de água em algum período do ano e as secas se tornaram mais frequentes todos os anos, impactando severamente a agricultura e o fornecimento de eletricidade de usinas hidrelétricas.

Com o agravamento desse quadro se torna mais árdua a vida daquele leitor/telespectador que tenta evitar ao máximo entrar em contato com esse tipo de notícia para não afetar seu humor no dia. Mas infinitamente mais difícil é a vida dos familiares e amigos das mais de cinco milhões de vítimas anuais das mudanças climáticas no mundo (ZHAO et al, 2021, p. 415). Mais custoso é o esforço que as mais de dez mil espécies animais enfrentam atualmente para resistir à ameaça de extinção¹. E ainda mais penoso que tentar se esquivar da realidade é a condição dos povos nativos brasileiros. No presente ano foi escancarada a realidade dos Yanomami do país que passam por uma crise humanitária grave, com altos índices de desnutrição, casos de malária, verminoses e pneumonia², por conta do avanço do garimpo ilegal nas terras demarcadas, agravado pelo descaso de um governante que preferiu ignorar a urgência de algo que acontecia em sua própria casa. Diante disso, se enxerga uma necessidade de aproximar o público da causa, tornar a questão ambiental algo pessoal, e a ecocrítica se mostra como um dos caminhos para que isso seja possível.

De forma mais elementar, pode-se caracterizar a ecocrítica como sendo o estudo da literatura e sua relação com o meio ambiente. Entretanto, como outros conceitos das humanidades ambientais, este não está isento de mutabilidade e complexidade. Ao contrário do que pode parecer, o escopo do estudo ecocrítico não se limita apenas ao espaço físico, os próprios termos que compõem esta restrita definição, não permitem que o conteúdo desta área

¹ <https://www.iucn.org/resources/issues-brief/species-and-climate-change>

² <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/01/24/situacao-dos-yanomami-expoe-abandono-dos-indigenas-pelo-estado>

de pesquisa esteja preso a uma catalogação pétrea. A discussão sobre a variabilidade na conceituação do que é Literatura, proposta por autores como Eagleton (1996), ainda é debatida, e em cada contexto social, político e temporal a definição dessa arte muda. Similarmente, percebe-se que a delimitação do que é meio ambiente é bastante abrangente, mesmo em textos legislativos. Na denominada Lei da Política Nacional do Meio Ambiente (Lei 6.938/81) que o entende como sendo “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (BRASIL, 1981).

Apesar disso, este trabalho não objetiva desacreditar da solidez da ecocrítica como ciência, pelo contrário, visou mostrar através de sua necessária abrangência, sua robustez. Sendo assim, a base fundamentadora deste trabalho é a de que:

À medida que os ecocríticos procuram oferecer um discurso verdadeiramente transformador, que nos permita analisar e criticar o mundo em que vivemos, dá-se cada vez mais atenção à ampla gama de processos e produtos culturais nos quais e por meio dos quais ocorrem as complexas negociações entre a natureza e a cultura. Aliás, a definição mais ampla do objeto da ecocrítica é a de estudo da relação entre o humano e o não-humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo “humano” (GARRARD, 2006, p. 16).

Entende-se, desse modo, a ecocrítica como a investigação de todos os processos que envolvem as suas duas grandes esferas, a maneira como os seres humanos se relacionam com a natureza e como ela se relaciona com eles, ambos entrelaçados em um movimento dialético que gera processos contínuos de construção, desconstrução e reconstrução.

O presente trabalho encontra sua justificativa na emergência da pauta climática que se agrava e faz mais vítimas a cada dia e na necessidade de buscar uma solução ao aproximar o conhecimento científico das questões climáticas da população. Uma forma de facilitar essa aproximação é contar com textos de diversas modalidades que consigam transmitir essa ideia, geralmente textos narrativos com conteúdo menos formal que utilizam registros mais acessíveis como filmes, séries, romances, quadrinhos, entre outros, pois trazem a ciência para mais perto dos leitores, criando uma sensação de conexão e afeto ao retratar detalhes íntimos da vida humana e seus conflitos em diferentes contextos, tornando a ideia de mudança climática algo mais pessoal (MEHNERT, 2016, p. 8). É esperado, ainda, que este trabalho possa contribuir para o crescimento da área ecocrítica no Brasil, onde ainda se mostra um estudo inicial (SILVA, 2019, p. 14), com potencial para ser mais pesquisado.

Vale salientar que a ideia para esta monografia nasceu de duas influências principais. A primeira delas sendo a realização de dois anos de iniciação científica com o foco da pesquisa

em ecocrítica e, especificamente no gênero Cli-fi, em 2020 com o trabalho “Cli-Fi e Literatura Norte-Americana: Itinerários de Pesquisa pelas Humanidades Ambientais” e em 2021 com o título “Cli-Fi em Narrativas Gráficas: Novos Meios Literários para Comunicar as Mudanças Climáticas”. A segunda, e mais pessoal, foi a sensibilização com a leitura do romance *Duna* em 2022. Em meio aos diversos escândalos ambientais nacionais que se revelaram no mesmo ano, sob a gestão do então presidente Jair Bolsonaro, *Duna* se mostrou, para o pesquisador que escreve este trabalho, como aquilo que Pinheiro (2011, p. 17) denominou de uma “experiência de leitura literária significativa”.

Dito isto, este trabalho visou responder “de que modo a ecocrítica pode ser mobilizada no romance *Duna* de Frank Herbert?”. Sendo assim, guiado por esta pergunta, objetiva-se de forma geral analisar traços da teoria ecocrítica na narrativa de Herbert, traçando paralelos entre o ficcional e o real, de modo a difundir esta e outras obras literárias de caráter ambientalista. Deseja-se também, especificamente, realizar a leitura da obra ficcional e dos trabalhos teóricos da seara da ecocrítica, produzir fichamentos das leituras, investigar os pontos de encontro entre o teórico e o literário e relacionar estes paralelos com a realidade.

Para atingir estes objetivos utilizou-se uma metodologia qualitativa de cunho bibliográfico, analisando o texto literário à luz da teoria ecocrítica. Neste campo teórico, os textos de Heise (2008), Nixon (2011) e Scranton (2015) serviram de aporte teórico principal para fundamentar a análise. Como já foi posto, o corpus literário foi o romance *Duna* do escritor e jornalista estadunidense Frank Herbert. Herbert escreveu 23 romances, todos no gênero ficção científica, e, como é possível aferir pelos seus escritos e por diversas de suas entrevistas, se considerava um ambientalista. Vencedor do prêmio Hugo de 1966, e sendo considerado o livro mais vendido de ficção científica da história, *Duna* foi publicado em 1965, seguida por mais 5 outras narrativas que complementam o mesmo universo ficcional da primeira. Apesar de formalmente ser considerado ficção científica, é possível enxergar a obra de Herbert como pertencente ao gênero que a escritora Margaret Atwood denomina de “ficção especulativa”, isto é, é possível enxergar num futuro próximo aquilo retratado no universo da ficção. O primeiro romance da saga de *Duna* foi escolhido por ser suficiente para contemplar os pontos discutidos neste trabalho, acomodando também na proposta sucinta de um trabalho de conclusão de curso.

O trabalho está estruturado em cinco grandes tópicos, introdução, três capítulos de análise e conclusão, a fundamentação teórica se encontra inserida na própria análise, de modo a construir a investigação proposta junto do corpus literário. Cada um dos capítulos tem foco em uma instância diferente do romance de Herbert, sendo o do primeiro o império e as Casas Maiores, do segundo o povo nativo do planeta deserto Arrakis, os fremen, e do terceiro o

protagonista da narrativa, Paul Atreides. Esta organização foi estabelecida por dois motivos principais, o leitor consegue acompanhar o texto mais facilmente uma vez que ele dispõe as estruturas da mais geral (império) para a mais específica (Paul) e também possibilita pensar as questões ambientais em três diferentes níveis, o governamental, o social e o individual.

2 O IMPÉRIO DA ESPECIARIA: O CAPITALISMO SELVAGEM DE *DUNA*

2.1 A civilização tríplice

Para dar início a análise do universo ficcional de *Duna*, um primeiro passo é entender de que forma a sociedade da narrativa se divide. Herbert [1965]/(2017, p. 44) deixa explícito que no império há uma “civilização tríplice: a Família Imperial de um lado, a Federação das Casas Maiores do Landsraad³ de outro, e, entre os dois, a Guilda, com seu maldito monopólio do transporte interestelar”. Nessa separação, o Imperador fica no cargo de mais alto comando, tendo controle sobre todas as Casas, Maiores e Menores, designando planetas e funções na organização de feudos espaciais. As Casas são clãs que governam um ou mais planetas, as Menores são detentoras de apenas um, enquanto as Maiores controlam um conjunto, chamados feudos planetários. As Casas Maiores são formadas pelos empresários interplanetários, responsáveis por realizar as logísticas de compra e venda de recursos originados em seus feudos. A Guilda Espacial teve seu surgimento como marco do início do calendário imperial, tem poder absoluto sobre o transporte espacial e o sistema bancário internacional e dividiu a história do universo de *Duna* em dois momentos: 'antes da Guilda' (a. G.) e 'depois da Guilda' (d. G.).

Herbert trata do monopólio da Guilda como “maldito”, essa adjetivação já dá indícios de uma crítica ao sistema econômico capitalista. Tepper e Hearn (2019, p. 88, tradução do autor do texto⁴) ao analisar a questão dos monopólios nos EUA elencam as consequências dessa prática para o cenário econômico, sendo algumas delas: “preços mais altos, menos startups, produtividade mais baixa, salários mais baixos, maior desigualdade de renda, menos investimento”. Com o aumento dos preços pode-se afirmar que o poder de compra de muitos indivíduos diminuiu, restringindo o consumo do bem que está sendo monopolizado para uma determinada classe, incitando uma maior disparidade social. Desse modo, a empresa que detém

³ Landsraad é um conselho composto por todas as Casas Maiores.

⁴ No original: “higher prices, fewer startups, lower productivity, lower wages, higher income inequality, less investment”. (Todas as traduções deste trabalho foram feitas pelo autor do texto e serão indicadas somente nas notas de rodapé)

essa concentração também controla quem pode consumir e quem não. Na narrativa de Herbert, o monopólio das viagens espaciais, seja para transporte de pessoas ou bens de consumo, implica dizer que o desfrute desse tipo de progresso também é monopolizado, sendo exclusivo para aqueles com mais renda, deixando de fora aqueles com menos recursos.

Nesse ponto, é importante ressaltar que a civilização espacial de *Duna* ainda conta com uma quarta força de controle sobre o lado mais social do Império, as Bene Gesserit. Esse grupo é composto por mulheres treinadas física e mentalmente para executar diversas funções, como a de Proclamadoras da Verdade, cargo em que usam suas habilidades para detectar falsidade ou mentiras nas falas das pessoas a serviço de governantes das Casas e do Imperador. Entretanto, o propósito maior das Bene Gesserit é, através de combinação genética de governantes de Casas Maiores, pela reprodução, produzirem o Kwisatz Haderach, um ser de intelecto elevado que, segundo profecias, uniria o espaço e o tempo e permitiria com que elas pudessem entender e acessar dimensões mais elevadas do saber. A ordem das Bene Gesserit não será abordada diretamente neste trabalho, visto que uma análise desse tipo não contribuiria para alcançar o objetivo posto e desviaria o rumo do trabalho.

Apesar de poder ser caracterizada como pertencente ao subgênero ópera espacial, *Duna* possui uma particularidade que difere de outras obras do mesmo segmento como *Star Wars* e *2001: Uma Odisseia no Espaço*, a ausência de aparelhos eletrônicos de qualquer tipo. Para explicar essa ausência de tecnologia moderna, Herbert criou a Jihad Butleriano, também conhecida como a Grande Rebelião, “a cruzada contra os computadores, máquinas pensantes e robôs conscientes, iniciada em 201 a. G. e concluída em 108 a. G.” (HERBERT, 2017, p. 660). Apesar de fugir do convencional, optar por não utilizar computadores em uma narrativa ficção científica é o ponto principal para que Herbert possa focar sua narrativa inteiramente na complexidade das relações humanas, e justificar a importância da Especiaria⁵ na narrativa.

No que concerne às Casas maiores, três delas são protagonistas na trama de *Duna*, a Casa Atreides, a Casa Harkonnen e a Casa Corrino. A Casa Atreides, reside no planeta Caladan, que possui recursos hídricos em abundância na sua superfície, e é a casa de onde surge o protagonista do romance, Paul Atreides, filho do Duque comandante desse clã. A Casa Harkonnen, no que lhe concerne, é a que detém o controle, no início da narrativa, da exploração da Especiaria no planeta Arrakis, também conhecido como *Duna* e a única fonte conhecida dessa substância. A Casa Corrino é a casa que detém o trono do império há 81 gerações, sendo

⁵ A Especiaria tratada neste trabalho com inicial maiúscula trata-se da substância específica do universo ficcional de *Duna*. Apesar de não aparecer da mesma forma no texto base, optou-se por utilizar desta maneira para diferenciar da especiaria em seu sentido comum de tempero/condimento.

Shaddam IV o Imperador vigente até quase o fim dos acontecimentos de *Duna*. O conflito inicial, que levará ao desenrolar do enredo, se dá justamente quando o Imperador resolve trocar o controle de Arrakis, dos Harkonnen, para os Atreides.

2.2 Capitalismo, progresso e meio ambiente

O plano para retomada de Arrakis pelo líder do clã Harkonnen, o barão Vladimir, é um indício para entender as motivações por trás da exploração do planeta:

– Se tudo sair como o planejado – ele disse –, a Casa Harkonnen terá um subfeudo em Arrakis no prazo de um ano-padrão. Seu tio terá o governo desse feudo. O agente pessoal do barão mandará em Arrakis. – Mais lucro – disse Feyd-Rautha. – Verdade – disse o barão. E pensou: Nada mais justo. Fomos nós quem domesticamos Arrakis... a não ser pelos poucos fremen mestiços que se escondem às margens do deserto... (HERBERT, 2017, p. 40).

Voltar a controlar os meios de obtenção da Especiaria só possui um objetivo, o lucro. A ideia de domesticação, no parágrafo citado, faz alusão não só ao domínio do planeta em si, mas pode-se entender como uma forma de subjugar aqueles que já habitavam o planeta antes da chegada desse clã, uma dita superioridade em relação a uma civilização mais “selvagem”. Essa prática, característica dos processos de colonização, é ainda reforçada com as ideias finais do trecho, pela forma como o barão trata os habitantes de Arrakis por “fremen mestiços”.

É possível estabelecer uma ponte desse ideal de exploração que o clã Harkonnen tem para com Arrakis através de uma análise do sistema capitalista atual. O acúmulo de capital, peça fundamental de manutenção do capitalismo, não enxerga as realidades sociais de comunidades inteiras que se veem cada dia mais marginalizadas pela exploração descontrolada dos recursos naturais, o que Dupas (2006, p. 80–81) vai sumarizar como “a opção privilegiada e inexorável pela acumulação de capital, em detrimento do bem-estar social amplo”.

Este argumento ainda pode ser reforçado quando observada a maneira como esse vilão é descrito fisicamente:

Ao sair das sombras, sua pessoa ganhou dimensão: imensa e excessivamente gorda. E com protuberâncias discretas sob as pregas de suas vestes escuras, revelando que toda aquela banha era parcialmente sustentada por suspensores portáteis presos à sua pele. Ele talvez pesasse realmente duzentos quilos-padrão, mas seus pés não carregavam mais do que cinquenta (HERBERT, 2017, p. 41).

O barão é excessivamente gordo, denotando uma tendência ao excesso, mas apesar de seu tamanho ele não carrega todo o peso de seu corpo, sendo sustentado por suspensórios,

indicando que apesar de ser ele mesmo o causador de sua atual condição, ele possui artefatos para que as consequências de suas ações não o atinjam. Assim como na realidade capitalista, aqueles que mais concentram riquezas não sofrem as más consequências que vêm com essa prática, pois possuem meios de as contornar. Logo após ser descrito como tendo esse corpo imenso, o barão grita que tem fome. Essa insaciabilidade que entrelaça gula e ganância, também se mostra presente na conduta capitalista de aquisição de bens materiais, uma vez que, para aqueles que os possuem em abundância, eles nunca se mostram suficientes.

Em *Duna*, é possível notar que Herbert utiliza de oposições bem marcantes para construir seus personagens dependendo de que lado da trama cada um se encontra. Enquanto de um lado há o Barão Harkonnen, o maior antagonista do romance, uma figura imensa vestida em cores escuras, com dedos adornados de anéis, do outro se tem o Duque Leto, também chefe de uma Casa Maior, pai do protagonista, mas descrito como possuindo um físico magro e traços longilíneos, utilizando somente a insígnia de sua casa como acessório, se opondo a figura robusta e ostentadora do Barão. Como descrito, o barão tem uma tendência à ganância e ao exagero, o Duque, em oposição, é um líder sereno e cauteloso que está sempre junto ao povo, pensando no melhor para os mineradores da Especiaria e para o povo de Arrakis em geral.

Nessa mesma lógica é possível observar a problemática das classes na narrativa. Herbert cria o termo *faufreluches* para essa divisão exigida pelos governantes, sendo ele: “a rígida lei de distinção de classes imposta pelo Imperium. “Um lugar para todo homem, e todo homem em seu lugar”” (HERBERT, 2017, p. 656). Percebe-se através disso que há uma necessidade por parte do império que haja classes sociais bem definidas para que assim seja feita a manutenção do capital dos mais ricos. É exatamente nesse sentido que se estrutura o sistema capitalista, há a necessidade de uma distinção de classes que quanto maior mais benéfico é para o lado dominante, baseando-se e nutrindo-se da desigualdade para funcionar.

Assim como na narrativa, em que os nativos fremen são relegados aos confins do deserto pelo avanço do maquinário de exploração da Especiaria, povos nativos do Brasil e do mundo se encontram em processo similar de desterritorialização. Segundo levantamento realizado pela plataforma Map Biomas⁶, iniciativa que mapeia dados do uso do solo do Brasil, de 2010 para 2020 o avanço do garimpo em terras indígenas aumentou 495%, invadindo terras demarcadas das etnias Kayapó, Munduruku e Yanomami no norte do país. Ainda no tocante a essa invasão de terras indígenas para fins de exploração, outro fator lastimável, mas presente nesse meio, é a ameaça sofrida por aqueles que tentam denunciar esses crimes. Temos como exemplo recente

⁶ <https://mapbiomas.org/area-ocupada-pela-mineracao-no-brasil-cresce-mais-de-6-vezes-entre-1985-e-2020>

no Brasil o caso do indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips, mortos numa tentativa de combater a pesca ilegal que acontece no Vale do Jaguari, no Amazonas⁷.

Assim também ocorre na trama, as pessoas que enxergavam Arrakis de um ponto de vista diferente daqueles que a exploravam acabaram perecendo, o duque Leto, chefe da Casa Atreides, inimigos da Casa Harkonnen e seus sucessores no domínio de Arrakis, e o planetólogo Liet Kynes são exemplos disso. Quando em Arrakis, o duque se mostra ser defensor do povo arrakino e um chefe de Estado que realmente se importa com a população do planeta e com os trabalhadores da mineração da Especiaria, como pode ser percebido no trecho a seguir:

Este duque estava mais preocupado com os homens do que com a especiaria. Ele arriscou sua vida e a vida de seu filho para salvar os homens. Deu pouca importância à perda de uma lagarta cheia de especiaria. O risco que os homens correram o deixou furioso (HERBERT, 2017, p. 173).

Uma das razões pelas quais o duque acaba sendo assassinado na narrativa é por se importar mais com o povo e com os trabalhadores que extraem a Especiaria do que com a riqueza e o lucro que a carga de Especiaria que ele sacrifica lhe daria.

Kynes, por sua vez, era um estudioso cuja profissão era estudar o planeta Arrakis e continuar o legado de seu pai, o primeiro estudioso a analisar o meio ambiente de Duna. No início da narrativa, quando a Casa Atreides chega em Arrakis, há um jantar na residência do duque que conta com a presença de alguns convidados, incluindo Kynes e Bewt, um fornecedor de água que era responsável por distribuir esse recurso no planeta deserto. Nesse jantar a seguinte conversa se desenrola:

Está querendo dizer que Arrakis pode ter um ciclo da água regular para sustentar a vida humana em condições mais favoráveis? – Impossível! – exclamou o magnata da água. [...] estamos lidando com questões que têm origem e existem lá fora, onde as plantas e os animais levam uma vida normal. – Normal! – Bewt desdenhou. – Nada em Arrakis é normal! – Ao contrário – Kynes retrucou. – É possível estabelecer aqui certos equilíbrios autossustentáveis. Basta entender os limites do planeta e as pressões que agem sobre ele (HERBERT, 2017, p. 189).

Para um empresário que trabalha com importação de água, não há benefícios no estabelecimento de um equilíbrio natural em Arrakis, isto porque ele perderia o seu mercado no planeta. Pode-se enxergar novamente o reforço dos paradigmas que cercam as questões

⁷<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/07/17/caso-bruno-e-dom-veja-imagens-exclusivas-da-reconstituicao-do-crime-no-vale-do-javari.ghtml>

capitalistas, nas quais o acúmulo de capital está acima de tudo, mesmo que isso exija adotar uma postura negacionista, estabelecendo outro reflexo da realidade na ficção.

Foi percebido nos últimos anos uma onda desenfreada de negacionismo quanto às questões climáticas e ambientais no geral. Uma ascensão do conservadorismo e do populismo neoliberal na Europa e na América do Norte pôde ser observada com a eleição do ex-presidente Donald Trump (GARRARD, et. al., 2019, p. 04). Um notável negacionista das mudanças climáticas, Trump representou e apoiou o crescente ceticismo sobre o aquecimento global e a queima desenfreada de combustíveis fósseis, e ainda defendeu políticas que colocam o progresso industrial à frente de todas as outras agendas, tudo isso com um só objetivo, a manutenção do capitalismo através do aumento da concentração de riquezas.

Nos anos de vigência do mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro, além do negacionismo, o descaso escancarado para com a natureza, em especial com a Amazônia, foi mais uma problemática a ser vencida por aqueles que lutam pelo meio ambiente. Quando foi nomeado, o ex-ministro do meio ambiente Ricardo Salles, na presença do então presidente da União Democrática Ruralista (UDR), afirmou⁸ que iria manter uma forte relação entre o setor da agricultura com o ministério do meio ambiente, o que aconteceu, mas da forma mais nociva ao meio ambiente possível. Segundo dados do Map Biomas⁹, de 2010 a 2019 a agropecuária aumentou a sua ocupação territorial em média 1 milhão de hectares ao ano, de 2019 a 2020 esse aumento foi de 4,6 milhões de hectares. Do mesmo modo, de 2010 a 2019 o território florestal do país diminuiu em média 1 milhão de hectares ao ano, já de 2019 a 2020 essa diminuição foi de quase 3,9 milhões de hectares. Além disso, em declarações mentirosas, como uma tentativa frustrada de divergir o foco de sua má gestão, o ex-presidente, em seu discurso na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁰, tentou incriminar povos nativos pelas queimadas que assolavam a floresta amazônica.

É preciso entender também que, com o avanço da doutrina neoliberal como forma de manutenção dos ideais capitalistas, se construiu uma ideia de progresso no mundo que se torna cada vez mais custosa ao Planeta Terra. Os ciclos de escassez que fundamentam o capitalismo com vistas ao acúmulo de capital, levam as massas alienadas a consumir cada vez mais, disparando a produção de artigos que dão a falsa sensação de avanço e de pertencimento ao dito

⁸Disponível em: <https://www.oeco.org.br/salada-verde/novo-ministro-do-meio-ambiente-diz-que-havera-total-sinergia-com-agricultura/>

⁹ Disponível em: <https://plataforma.brasil.mapbiomas.org>

¹⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-75a-assembleia-geral-da-organizacao-das-nacoes-unidas-onu>

progresso que possui, em realidade, apenas um real beneficiário (DUPAS, 2006, p. 80) e fazendo com que os recursos naturais sejam predados cada dia mais.

Enxerga-se na exploração da Especiaria, único recurso arrakino (que tem origem em Arrakis), essa mesma lógica:

Os homens e suas obras foram uma doença na superfície de seus planetas até agora [...] – O sistema histórico de pilhagem e extorsão mútuas tem um fim aqui em Arrakis – disse o pai. – Não se pode seguir roubando aquilo de que se precisa sem pensar naqueles que virão depois. As características físicas de um planeta estão escritas em seu registro econômico e político. Temos o registro diante de nós, e nosso curso é óbvio. [...] – Arrakis é um planeta de uma cultura só – disse o pai. – Uma cultura. Sustenta uma classe dominante que vive como viveram as classes dominantes de todas as épocas, ao passo que, abaixo delas, uma massa semi-humana em semiescavidão subsiste de restos (HERBERT, 2017, p. 358).

Este excerto denota a relevância e a atualidade da obra de Herbert. É possível constatar na dinâmica de extração da Especiaria de Arrakis, a predação do meio ambiente do Planeta Terra. Às custas dos recursos naturais vitais para nossa sobrevivência, os países desenvolvidos mantêm um modo de vida insustentável. Hoje já é sabido que o dia de sobrecarga da Terra¹¹ chega cada ano mais cedo, mas são os locais com menos concentração de riquezas que são mais atingidos pela escassez de recursos. Isso se dá, pois a força do sistema capitalista se origina na desigualdade e o progresso custa não só às classes desprivilegiadas, que se veem cada vez mais marginalizadas e impedidas de desfrutar de direitos humanos básicos, mas da própria Terra e seus ecossistemas que não conseguem mais se recuperar da exploração imoderada. Nesse mesmo trecho é possível perceber o tom de denúncia da narrativa, o autor constrói o romance em cima da insustentabilidade da predação ambiental, chamando constantemente a atenção do leitor para as questões políticas, sociais e econômicas envolvidas na discussão ambientalista.

Sobre a exploração excessiva de ecossistemas por partes dos seres humanos, Nixon (2013) cria o termo “violência lenta”, definido por ele como:

Àquela que ocorre gradualmente e fora de vista, uma violência de destruição demorada que se espalha pelo tempo e pelo espaço, uma violência erosiva que tipicamente não é vista como tal. A violência costuma ser concebida como um evento ou como uma ação imediata no tempo e explosiva e espetacular no espaço, manifestando-se como uma erupção cuja visibilidade se faz perceber instantaneamente (NIXON, 2013, p. 02¹²).

¹¹ Dia em que a população mundial já consumiu todo o recurso natural passível de regeneração daquele ano, o que significa que tudo que é consumido depois desse dia sobrecarrega a capacidade do planeta de se recuperar naturalmente.

¹² Original: “A violence that occurs gradually and out of sight, a violence of delayed destruction that is dispersed across time and space, an attritional violence that is typically not viewed as violence at all. Violence is customarily

Narrativas como *Duna*, em sua maioria apocalípticas, que possuem como pano de fundo um espaço devastado e uma natureza hostil, servem como uma bola de cristal para o leitor, possibilitando com que ele possa enxergar na ficção as consequências dessa violência lenta que no dia-a-dia não se fazem notar explosivamente, como Nixon (2013) escreve. Obras literárias que abordam a temática ambiental, ajudam a aproximar o leitor dos dados científicos, sem precisar passar pelos dados laboratoriais, muitas vezes incompreensíveis para o público geral.

Ainda no tocante às manobras do sistema capitalista para instaurar a necessidade de um progresso implacável, é necessário mencionar o movimento que virou uma grande máscara da trama neoliberal, a globalização. Com ela, o trabalhador é mais uma vez alvo de alienação com o desenvolvimento de princípios cosmopolitas, como o trânsito entre comunidades, como objetivo de vida, expandindo ainda mais o volume de consumo e a busca incessante por um pertencimento inatingível. Nesse sentido, Dupas (2006, p. 78) afirma que “a globalização não amplia os espaços, estreita-os; não assume responsabilidades sociais e ambientais; pelo contrário, acumula problemas, transforma-se em sintoma de sobrecarga”.

A globalização ainda fomentou a criação de agências de regularização das relações internacionais como a OMC (Organização Mundial do Comércio) que acorda normas para o comércio entre nações. Apesar de funcionar sob princípios de igualdade entre seus países membros, de modo a promover condições benéficas para os países em desenvolvimento, a OMC propicia, na verdade, condições para que nações mais ricas possam acumular sempre mais capital em detrimento das que não possuem tantos recursos financeiros, promovendo uma maior movimentação de riquezas, mas de forma desequilibrada (SUBRAMANIAN e WEI, 2007). É sob essa mesma ótica que podemos enxergar uma das grandes agências do romance, A Guilda Espacial.

Como apontado anteriormente, em *Duna*, a Guilda Espacial detém o “maldito” monopólio dos transportes espaciais e controla o sistema bancário internacional. Dito isto, é possível entender que quem controla a Guilda tem controle sobre todo o comércio interplanetário, incluindo o da Especiaria. Logo, a Casa que possui autoridade na Guilda tem poder para controlar a economia de qualquer um dos feudos planetários. Além disso, assim como a queima de combustíveis fósseis foram a chave para alavancar de vez a globalização com a utilização das máquinas a vapor, na narrativa esse é um dos papéis da Especiaria, pois só com a utilização dela que se faz possível a viagem interplanetária. Vale salientar que um dos

conceived as an event or action that is immediate in time, explosive and spectacular in space, and erupting into instant sensational visibility”.

objetivos do plano do barão Harkonnen é também poder ter domínio sobre a Guilda, controlando a produção da Especiaria em Arrakis e a sua distribuição pela Guilda, o que lhe daria liberdade total na venda desse recurso sem se preocupar com nenhuma regularização, uma vez que dominaria tanto a sua produção quanto a sua distribuição, possibilitando o acúmulo de mais capital.

O conflito entre a Casa Harkonnen e a Casa Atreides pelo controle da Especiaria não poderia ser uma representação mais clara dos conflitos incitados pelo petróleo que aconteceram e acontecem pelo mundo, em especial no Oriente Médio. A invasão do Iraque por parte dos Estados Unidos em 2003, como uma forma dos EUA de manter o controle da venda de petróleo seguindo os parâmetros estabelecidos por eles, é um exemplo disso. Assim como na ficção, muitas mortes foram causadas em nome de ideais de um sistema econômico que não enxerga a existência humana como prioritária.

Nessa perspectiva, dois termos surgem para auxiliar na parametrização de algumas ideias aqui discutidas, são eles, Hipercapitalismo e Capitaloceno. O termo Hipercapitalismo foi cunhado por Lipovetsky e Serroy (2007) para evidenciar a fragilidade e caoticidade dos princípios capitalistas, focando na sua exacerbação, isto é, percebe-se que “em toda parte, o imaginário da competição, a cultura de mercado é que triunfam e se difundem. Redefinindo os domínios da vida social e cultural” (LIPOVETSKY E JEAN SERROY, 2007, p. 14).

Para entender o conceito de capitaloceno, é necessário saber que as eras geológicas do Planeta Terra se caracterizam como grandes unidades de tempo possuidoras de alguma força que teve atuação principal. Alguns pesquisadores, apesar de não haver ainda um consenso quanto a esse ponto, nomearam a era atual (Holoceno) de *Antropoceno*, sendo essa a era em que o homem teve o maior impacto na geologia da Terra. É nessa discussão de termos que caracterizam as consequências das ações humanas que surge o termo Capitaloceno, que, no que lhe concerne, “faz alusão ao capitalismo como forma de organizar a natureza — como uma ecologia mundial capitalista multiespécie e bem situada” (MOORE, 2016, p. 06¹³). O uso de Capitaloceno, no lugar de Antropoceno, ajuda a delimitar que não foi a simples existência humana que gerou impactos no planeta Terra, mas a adoção de um sistema econômico que preda insaciavelmente os recursos naturais de modo a modificar a geografia do planeta, como afirma Krenak (2022, p. 36): “No tal capitaloceno que estamos experimentando não restará nenhum lugar na Terra que não seja como o corpo desse rio, assolado pela lama”.

¹³ No original: “Capitalocene signifies capitalism as a way of organizing nature — as a multispecies, situated, capitalist world-ecology”.

Enxergar a atualidade como moldada pelo capitalismo é uma forma de entender os fenômenos destrinchados neste trabalho e ainda de analisar a obra de Herbert. Esses dois conceitos apresentados anteriormente podem ser percebidos de duas formas nesta análise. A primeira sendo na forma como aqueles que estão a cargo de explorar os recursos naturais estabelecem relações com aqueles que têm a natureza como sua casa, como os Harkonnen e os fremen na ficção e os garimpeiros e os indígenas brasileiros na realidade. E a segunda sendo na relação que os humanos estabelecem com a natureza, na qual a última só é vista como uma fonte de lucro e não como constituinte de um sistema complexo e sensível a mudanças que se explorado em demasia entra em colapso. Nas duas visões é possível perceber as consequências da forma como a sistemática capitalista molda o social e o natural, aos seus princípios.

Portanto, observa-se dois grandes elementos como chave para entender a economia de Arrakis e a maneira como as riquezas são distribuídas e representadas na narrativa, a água e a Especiaria. A Especiaria possui valor pelas suas possibilidades de uso tanto para fabricação de itens como para o consumo humano. Já a água, entra nesse jogo por conta de sua escassez, e, servirá não só para fins de sobrevivência, mas de modo simbólico. Nesse sentido, a água na narrativa adquire a característica de um item de luxo. Por luxo entende-se o produto que carrega em si dimensões funcionais, culturais, simbólicas e sociais (ALLÉRÈS, 1999, p. 16). A dimensão funcional da água dispensa explicação, ela é vital para a sobrevivência humana. Na cultura de Arrakis ela se mostra como um bem extremamente difícil de se adquirir, possuindo um alto valor de mercado por sua escassez. Nas dimensões sociais e simbólicas é perceptível que a água é tornada um totem de riqueza, sendo um dos marcadores de divisão de classes no planeta deserto, como Veblen (1965, p. 79) afirma: “por ser o consumo dos de maior excelência prova de riqueza, ele se torna honorífico; a incapacidade de consumir na devida quantidade e qualidade se torna uma marca de inferioridade e de demérito”. O simbolismo da água em *Duna* como um item de luxo, permeia toda a narrativa, entretanto, há um certo misticismo atribuído a ela dado pelos fremen e que será discutido em mais detalhe no capítulo seguinte.

Ainda tratando da água em *Duna*, é interessante observar que o clã Harkonnen, em sua época de domínio sobre Arrakis, plantou 20 tamareiras em frente ao palácio principal de Arrakis. Essas palmeiras, no entanto, não foram escolhidas de forma arbitrária:

A maneira como os transeuntes olhavam para as palmeiras! Ela viu inveja, um pouco de ódio... até mesmo uma sensação de esperança. Todas as pessoas esquadrihavam aquelas árvores com uma expressão rígida. – Sabe o que estão pensando? – Yueh perguntou. [...] – Olham para aquelas árvores e pensam: “Aí estão cem de nós”. É isso que pensam. Ela se voltou para ele com o cenho franzido. – Por quê? – São tamareiras – ele explicou. – Uma tamareira precisa de quarenta litros de água por dia.

Um homem precisa apenas de oito litros. Uma palmeira, portanto, equivale a cinco homens. São vinte palmeiras lá fora: cem homens (HERBERT, 2017, p. 88 – 89).

Percebe-se aqui que as tamareiras servem como um reforço do poder que aqueles que residem no castelo detêm em detrimento dos que vivem do lado de fora e sofrem para obter o mínimo de água para sua sobrevivência, adotando meios de reaproveitar a própria água do corpo.

Mais a frente na narrativa, o leitor se depara com mais outro costume deixado pelos Harkonnen:

De cada lado da porta onde ele se encontrava, havia amplos lavatórios de azulejos decorados, verdes e amarelos. Cada pia tinha seu cabide de toalhas. Era o costume, explicara a governanta, que os convidados, ao entrar, mergulhassem suas mãos na pia com toda a cerimônia, derramassem várias taças de água no chão, secassem as mãos numa toalha e a atirassem na poça que ia se formando e aumentando à porta. Depois do jantar, os mendigos se reuniam lá fora para torcer as toalhas e recolher a água. (HERBERT, 2017, p. 175)

O que se percebe nesse excerto é mais uma forma de exercer poder, através da água, sobre uma população em situação de precariedade. Apesar de mostrar um possível futuro para os habitantes da Terra, essa lógica de reforçar constantemente a detenção de poder já é presente na sociedade contemporânea. Como forma de manter a maioria da população na ilusão de que há um patamar que, por ela, nunca poderá ser atingido, a classe dominante se utiliza da ostentação de itens ditos luxuosos para reforçar a sua posição de dominação nas relações de poder.

A manutenção do poder através do controle da Especiaria e da água na narrativa de *Duna*, aqui retomada, permeia a definição de poder elaborada por Foucault (1979, p. 08), como uma força que “permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social”. Nessa lógica se pode retomar o termo *hipercapitalismo* para argumentar que o capitalismo não mais se limita à economia, mas permeia os círculos sociais, ambientais e culturais, através da exploração de pessoas e recursos, reforçando suas verdades de modo a manter-se vigente.

2.3 A especiaria como recurso natural

Tratados dos trâmites políticos e econômicos que enredam o início da trama de *Duna* e como é possível enxergá-los como uma alegoria do sistema econômico global atual, resta discutir sobre o elemento central nas disputas entre as Casas maiores, a Especiaria. Esse recurso

natural, que só é encontrado no planeta deserto Arrakis, possui características desde sua formação até sua extração que são muito semelhantes às de um recurso utilizado de diversas formas e na produção de inúmeros artigos hoje no Planeta Terra, o petróleo.

A formação da Especiaria se inicia com a morte e decomposição dos grandes vermes da areia bem abaixo da superfície do planeta, fundo na areia do grande deserto. Pequenos organismos têm um papel importante nesse processo de decomposição. A pressão exercida pela formação das Especiarias e o calor do deserto fazem com que esse recurso venha à superfície através de grandes explosões, tornando a atividade de extração bastante perigosa. Após encontradas as fontes desse recurso, o maquinário de extração (Lagarta de Areia) se desloca até o local e pode ser visto de longe, uma vez que ao seu redor se estende apenas um grande mar de areia.

Pelas características elencadas no parágrafo anterior, seria ilógico não perceber semelhanças com a produção e extração do petróleo em alto mar. Ambos se originam de seres vivos decompostos, são encontrados sempre em níveis bem abaixo da superfície, possuem riscos em seus processos de extração, além de que assim como as refinarias no meio do oceano, as lagartas de areia contrastam com a monocromia do deserto. Entretanto, para além desses processos práticos, esses dois recursos se assemelham na forma como são tratados após a sua extração e refinamento.

Tanto a Especiaria como o Petróleo são sinônimos de progresso. Assim como um permitiu com que fossem possíveis as viagens espaciais, o outro permitiu com que a humanidade se deslocasse mais depressa na terra, na água e no ar. Não obstante, como foi exposto anteriormente, por possuírem um grande valor de mercado dada às suas possibilidades de utilização, o controle sobre esses recursos, o combustível fóssil na realidade e a Especiaria na ficção, torna-se sinônimo de riqueza e, conseqüentemente, poder, incitando conflitos entre nações. Como um claro e atual exemplo disso, temos as conseqüências da Guerra da Ucrânia no abastecimento energético da Europa. Os cortes no abastecimento de gás, impostos pela Rússia, demonstram como o controle de um combustível fóssil demonstra um forte poder na conjuntura econômica atual, podendo desestabilizar nações e continentes inteiros.

Por se tratar de uma metáfora, não se pode afirmar que a Especiaria seja uma representação limitada ao petróleo, há também outras formas de interpretação desse recurso, mas que não excluem a análise feita anteriormente. O povo que primeiro habitou Arrakis, os fremen, convivem com a Especiaria e a consomem indiretamente pelas suas caminhadas no deserto. Ela também é consumida diretamente nos alimentos e bebidas e proporciona aos fremen um laço único:

ela havia pensado em tomar café, e o café aparecera. Sabia que não tinha nada a ver com telepatia. Era o tau, a unidade da comunidade do sietch, uma compensação do veneno sutil da dieta baseada em especiaria que todos compartilhavam. O grosso da população jamais poderia esperar obter o esclarecimento que a semente da especiaria lhe trouxera; [...] Ainda assim, por vezes sentiam e reagem como se fossem um só organismo (HERBERT, 2017, p. 501).

Sob esse ponto de vista, é possível entender a Especiaria como os recursos naturais e a natureza em si, sendo essa força maior que no mundo real liga os povos nativos de um povo, promovendo unidade e entendimento sobre suas cosmologias¹⁴.

Para compreender a importância da Especiaria na narrativa, é importante também traçar um paralelo com as especiarias reais e como elas influenciaram a história do mundo. No início das grandes navegações, parte das justificativas usadas pelos navegadores para se aventurar por mares “desconhecidos”, era a busca por especiarias. Entretanto, as especiarias não possuíam alto valor somente por serem importadas, mas porque mudavam a vida daqueles que as usavam, como Turner (2005, p. 71¹⁵) sugere:

“parte de sua atração - e a fonte de grande parte seu valor - era simplesmente que elas eram inexplicáveis. Antes da Colombo e companhia remapearam o mundo, as especiarias carregavam um frete que nós, na era dos satélites e do GPS, mal podemos imaginar. Emergindo da fabulosa obscuridade do Oriente, eram chegadas de outro mundo. Pois acreditava-se que as especiarias cresciam no Paraíso.”

As especiarias mudaram como os europeus armazenavam e consumiam seus alimentos, além de possibilitarem a criação de novas rotas marítimas que levariam a reformulação dos mapas como eram conhecidos, abrindo o mundo a todas as possibilidades que vieram com o “descobrimento” das Américas.

Além disso, outro aspecto importante é que a Especiaria também leva o nome de Melange. Derivada do francês, esse substantivo possui dois significados principais¹⁶, encontro de coisas/seres diferentes e mistura de diferentes substâncias em um todo único. A primeira definição, possui ligação com o entendimento do protagonista da obra, Paul, que apesar de vir

¹⁴ Neste trabalho entende-se por cosmologia o conjunto de práticas e crenças que compõem todas as esferas de uma comunidade indígena e a organiza socialmente, culturalmente, economicamente e religiosamente (LUCIANO, 2006, p. 31).

¹⁵ No original: “part of their attraction—and the source of much of their value—was simply that they were inexplicable. Before Columbus and company remapped the world, spices carried a freight that we, in an age of satellites and global positioning systems, can barely imagine. Emerging from the fabulous obscurity of the East, they were arrivals from another world. For spices, so it was believed, grew in Paradise.”

¹⁶ Definições retiradas de: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/m%C3%A9lange/50274>

de outro planeta, vai se mostrar como um guia messiânico para o povo arrakino, sendo o encontro e a unidade entre duas esferas distintas. Já a segunda coaduna com as interpretações apresentadas nos parágrafos anteriores, o petróleo por ser uma mistura de diversas matérias orgânicas que se decompõem para formar uma só substância e a integridade singular dos povos nativos de serem um só com os seus iguais e com a própria natureza.

3 OS FREMEN: POVOS NATIVOS E SUSTENTABILIDADE

3.1 O povo sem *Caid* nem *Bashar*

Como exposto anteriormente, o povo fremen vive no planeta Arrakis, mas não nas cidades, e sim em comunidades nas partes selvagens do deserto. Estes personagens dividem um protagonismo coletivo que permeia também as cosmologias das comunidades indígenas de unidade da natureza com os povos que vivem nela e da qual tiram seu sustento. Nesse sentido. Krenak (2019, p. 09-10) afirma que:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade [...] nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Assumir essa postura de unidade com a Terra é uma proposição que proporciona a sobrevivência dos fremen na narrativa e que permitirá com que a sociedade real entenda o papel da preservação natural e da necessidade de adoção de uma existência que possua consonância com o meio ambiente, e, através desse coexistir sustentável, buscar maneiras de remediar os danos humanos causados ao planeta, viabilizando a sobrevivência das gerações vindouras.

Entretanto, apesar de ser uma das saídas propostas para o enfrentamento das crises ambientais, o conhecimento dos povos nativos e eles próprios são cada vez mais desprezados. Através da narrativa é possível perceber que as habitações do povo fremen formam zonas de sacrifício: “locais que são considerados dispensáveis por aqueles no poder porque tendem a ser habitadas por pessoas pobres e impotentes” (MEHNERT, 2016, p. 191¹⁷). A marginalização do povo fremen reflete uma realidade de comunidades reais à mercê das mais graves consequências

¹⁷ Original: “sites that are deemed dispensable by people in power because they tend to be inhabited by poor and powerless people”

das crises ambientais, não possuindo aparatos estruturais para mitigar os danos sofridos e menos ainda uma chance de adotarem uma postura de resiliência a fim de se adaptarem.

No romance, o descaso com esse povo é claro, como exposto no capítulo anterior e como se percebe no seguinte excerto: “O planeta abrigava um povo que vivia na orla do deserto, sem caid nem bashar que o governasse: um povo arisco chamado fremen, sem registro nos censos da Régate Imperial” (HERBERT, 2017, p. 21). A falta de registros desse povo no censo demonstra a mínima importância dada a eles pelo governo imperial. Já os termos Caid e Bashar referem-se a oficiais do exército imperial, denotando uma falta de proteção a qual esse povo está sujeito. Essa vulnerabilidade levanta a questão da luta pela sobrevivência que povos nativos no mundo todo enfrentam e a relevância da discussão de justiça climática.

Nesse sentido, Boaventura (2019) expõe que:

Num momento em que se impõe um crescente consenso sobre as catastróficas consequências do aquecimento global e da depredação de recursos do planeta, os custos sociais e ambientais do desenvolvimento tornaram-se mais e mais evidentes. O atual padrão de desenvolvimento toca os limites de carga do planeta Terra. As vozes discordantes continuaram a propor concepções alternativas de desenvolvimento, mas a verdade é que o desenvolvimento passou a ser mais antissocial, mais vinculado do que nunca ao crescimento, mais dominado pela especulação financeira, mais predador do meio ambiente (BOAVENTURA, 2019, p. 48).

É possível, como já foi exemplificado, observar essa realidade também retratada no romance de Herbert. Enquanto a exploração da Especiaria avança pelo planeta, os fremen são obrigados a se esconder no deserto e dividir a sua morada com um maquinário que minera essa substância tão significativa para a sua cultura e com famílias reais que esbanjam e desperdiçam água, enquanto esse povo luta para sobreviver com o mínimo de recurso hídrico que conseguem reaproveitar.

Como os fremen no romance, comunidades inteiras se veem cada dia mais esquecidas pelos seus governos que desviam o olhar das necessidades de um povo que sofre diariamente e com mais força os desastres naturais, consequências das mudanças climáticas. A despeito de servirem como quebra-mar das decorrências das crises ambientais, os países em desenvolvimento, exemplos de zonas de sacrifício reais, possuem as menores pegadas de carbono no mundo. Isto é possível de ser aferido através de uma checagem de dados da plataforma *Our World in Data*¹⁸. Os números mostram que países da África Central como o Chade, a República Centro-Africana e a República Democrática do Congo, por exemplo, emitiram juntos, em 2020, irrisórias 0,13 toneladas de CO₂ per capita, enquanto esse valor nos

¹⁸ <https://ourworldindata.org/co2-emissions>

Estados Unidos da América chega a 14,24 ton. (RITCHIE et. al, 2020). Esse padrão se repete para quase todo país em desenvolvimento, enquanto os causadores majoritários do problema seguem promovendo exponencialmente o consumo exacerbado, aqueles à margem sofrem flagelos em múltiplas faces, como vítimas desse modelo de mercado que torna suas condições de vida cada vez mais insalubres e com a impossibilidade de defesa de uma crise que sequer tiveram participação expressiva na criação.

Nessa seara, Nixon (2013, p. 04¹⁹) propõe o conceito ‘ambientalismo dos pobres’ (environmentalism of the poor), “uma vez que as pessoas carentes de recursos são as principais vítimas da violência lenta”. Em *Duna*, Herbert representa essas pessoas na forma dos fremen, um povo que se torna descartável, assim como os recursos naturais, frente às investidas implacáveis de um hipercapitalismo. Ainda nesse sentido, Herbert pode ser considerado o que Nixon (2013) chamou de escritor ativista, pois ele demonstra, através de sua habilidade de ficcionalizar, “um desejo de dar vida e dimensão às estratégias - opositivas, afirmativas e sim, muitas vezes desesperadas e fraturadas - que emergem daqueles que carregam o peso das crises ecológicas do planeta” (NIXON, 2011, p. 40). Essa característica pode ser percebida claramente quando Herbert narra a luta pela sobrevivência pela qual os fremen passam e as soluções sustentáveis que eles propõem como uma tentativa de contornar a crise.

Vale mencionar que as desigualdades estruturais apresentadas nos parágrafos anteriores, trazem à tona a discussão sobre justiça e moralidade. Cripps (2022, p. 20²⁰) descreve essas duas concepções: “Se a moralidade é sobre como devemos viver, a justiça é sobre como devemos viver juntos: como devemos organizar nossas sociedades e instituições”. Nesse sentido, a ideia de justiça climática parte do pressuposto já discutido aqui, de que as consequências da crise climática não atingem a sociedade de maneira uniforme e que, no planejamento de possíveis medidas a serem tomadas para combater essa problemática, se deve pensar as relações interpessoais de modo que os grupos e comunidades marginalizadas possam viver dignamente, livres dos danos decorrentes de uma estruturação social colonialista e opressora que despreza a necessidade de possibilitar aos outros direitos humanos fundamentais (CRIPPS, 2022, p. 186 – 187).

Ao tratar dos parâmetros que devem ser tomados para que essa organização aconteça, para além das necessidades que se entendem por básicas, como saúde, moradia, alimentação, entre outros, é importante que as vidas não humanas sejam também incluídas na equação, os

¹⁹ No original: “for it is those people lacking resources who are the principal casualties of slow violence”.

²⁰ No original: “If morality is about how we ought to live, justice is about how we must live together: how we should organize our societies and institutions”.

interesses de bem-estar da sociedade também advém da formação de laços com essas forças naturais coexistentes (CRIPPS, 2022, p. 22). Nessa perspectiva, o conceito de sustentabilidade pode auxiliar na caracterização desses laços com a natureza necessários para repensar o estilo de vida atual. Ao elencar necessidades para alcançar o que eles chamam de cidadania ambiental ativa, Faber e McCarthy (2003, p. 57²¹) definem a sustentabilidade como uma medida para “assegurar que a integridade da natureza seja preservada tanto para a presente como para as futuras gerações”. Os autores ainda enfatizam a urgente mudança de paradigma tratadas até o momento, afirmando que as ameaças ambientais e a justiça ambiental são pautas que precisam ser discutidas como nunca (FABER e MCCARTHY, 2003, p. 40). No romance de Herbert é possível observar uma abordagem da ideia de sustentabilidade principalmente quando se trata da água em Arrakis.

3.2 A água da vida

O império enxerga a água em Arrakis, como uma forma de obter lucro, se aproveitando da sua escassez. Os fremen, por sua vez, reconhecem essa substância como muito mais que um produto, para eles a água é a própria vida. Os comandantes do duque Leto, assim como ele mesmo, recém-chegados à Arrakis, se chocam quando um líder fremen cospe na mesa em frente ao duque. Um dos líderes da comitiva do duque, mais acostumado com as tradições fremen lhe diz:

Nós lhe agradecemos, Stilgar, pela dádiva da umidade de seu corpo. Nós a aceitamos no espírito em que foi oferecida. – E Idaho cuspiu na mesa, diante do duque. À parte para o Duque, ele disse: – Lembre-se de como a água é preciosa aqui, sire. Foi um sinal de respeito (HERBERT, 2017, p. 131).

O trecho explicita um choque cultural entre dois povos distintos, um que está acostumado com a água em abundância e outro que precisa lidar diariamente com a escassez hídrica como parte contínua de sua vida.

É nessa lógica que surge na narrativa o termo “hidrodisciplina”. Ele se constitui como um conjunto de práticas de uma perspectiva ecológica de preservação que permite com que as pessoas que residam em Duna consigam evitar ao máximo o desperdício de água, seja ela vinda do ambiente ou corporal como suor e urina. Com a hidrodisciplina surgem os “trajestiladores”,

²¹ No original: “ensuring that the integrity of nature is preserved for both present and future generations”.

uma solução sustentável para o reaproveitamento da umidade corporal desenvolvida pelos fremen. Estes trajes funcionam através de:

um filtro de alto desempenho e um sistema de trocas de calor.[...] A camada em contato com a pele é porosa. A transpiração a atravessa, depois de ter resfriado o corpo... é quase o processo de evaporação normal. As duas camadas seguintes [...] têm filamentos de troca de calor e precipitadores de sal. O sal é reaproveitado. [...] Os movimentos do corpo, principalmente a respiração – disse ele –, e um pouco de ação osmótica propiciam a força de bombeamento. [...] A água reaproveitada circula até bolsas coletoras, das quais você a retira por meio deste tubo que fica preso ao pescoço (HERBERT, 2017, p. 152).

A elaboração de um dispositivo desse tipo, demonstra os resultados de uma necessidade de sobrevivência e adaptação que os fremen viram ser necessárias no deserto.

Ao longo de toda a narrativa, em detalhes e falas de personagens, vai se percebendo cada vez mais a importância simbólica da água para os fremen, sempre sendo associada à vida em si:

Aqui fora, mulher, não carregamos papel para redigir contratos. Não fazemos promessas à noite para quebrá-las ao amanhecer. Quando um homem diz uma coisa, esse é o contrato. Sendo eu o líder de meu povo, eles se comprometem a cumprir minha palavra. Ensine-nos essa doutrina dos sortilégios e você terá asilo entre nós enquanto desejar. Sua água irá se misturar com nossa água (HERBERT, 2017, p. 367).

No recorte a água é mais uma vez retratada como um símbolo entre os fremen, interpretada como a vida e os costumes de um indivíduo sendo conectada ao todo de uma comunidade. Chama atenção também a utilização das palavras “nossa água”, reforçando a unidade percebida entre os membros de um povo nativo. Nessa mesma ótica, Herbert cria o termo “fardo d’água” que no idioma dos fremen representa uma grande dívida que um indivíduo tem com outro, por quem ele expressa enorme gratidão.

Em outro momento, o personagem Paul Atreides, filho do duque, entra em embate com um fremen e acaba matando-o. Ao fim do combate o protagonista chora pela morte de seu adversário, ao que os nativos reagem com “Ele oferece umidade aos mortos” (HERBERT, 2017, p. 406). Nesse ponto do enredo, a mãe de Paul chega à seguinte conclusão:

Era um presente para o mundo das sombras: lágrimas. Seriam, sem dúvida alguma, sagradas. Nada naquele planeta tinha inculcido nela com tanta força o valor supremo da água. Nem os vendedores de água, nem as peles ressequidas dos nativos, nem os trajestiladores e as regras da hidrodisciplina. Eis que ali se apresentava uma substância mais preciosa que todas as outras: era a própria vida e enredava tudo a seu redor com simbolismo e cerimônia. Água (HERBERT, 2017, p. 406).

É possível notar, neste excerto, que até mesmo o ato de chorar toma uma dimensão diferente quando o que está em jogo é um recurso tão precioso e que qualquer tipo de desperdício deve ser evitado. A água aqui se faz presente até mesmo na maneira de expressar sentimentos.

O fator comum nesses cenários e na abordagem que estes personagens têm para com a água é a sustentabilidade. Boff (2016, p. 13 – 14), afirma que a manutenção de toda a vida na Terra só é possível através de uma sustentabilidade verdadeira, que tenha como princípios a responsabilidade e a preservação. Por sustentabilidade se entende a preservação de toda vida terrestre e o cuidado com a natureza, objetivando a manutenção dos ecossistemas, além de promover as potencialidades dos seres humanos como civilização (BOFF, 2016, p. 14). A palavra “manter” é chave para compreender a noção de sustentabilidade e o que se enxerga nas práticas fremen em relação à água é exatamente um cuidado com a preservação de um recurso que pode não ser vivo em si, mas imprescindível para que se haja vitalidade nos seres. Logo, são as práticas sustentáveis dos povos nativos que os mantém vivos e que deveriam servir de exemplo para toda a sociedade como um modo de viver.

No mundo real, os povos nativos também seguem o ideal de sustentabilidade naturalmente a séculos. O antropólogo Philippe Descola (1997) defende esse ponto de vista ao afirmar que:

As populações indígenas da Amazônia e das Guianas souberam aplicar estratégias de uso dos recursos que, mesmo transformando de maneira durável seu meio ambiente natural, não alteravam os princípios de funcionamento, nem colocavam em risco as condições de reprodução deste meio ambiente (DESCOLA, 1997, p. 244).

A constante que se percebe na maneira que os povos nativos se relacionam com a natureza é de que o apreço que eles possuem pelos ecossistemas que lhes rodeiam, permite com que haja uma manutenção de sua sobrevivência sem a necessidade de uma exploração demasiada. Para além disto, o entendimento que essas comunidades têm do meio ambiente serve para a sociedade de fora dessa esfera repensar a atitude que tem para com a natureza e com a utilização dos recursos naturais.

A questão da escassez de água se mostra uma constante quando se trata de narrativas *cli-fi* e distópicas, principalmente por ser uma perspectiva real, com bases científicas, para o futuro da Terra. O diferencial no romance de Herbert é a maneira como os seus personagens se relacionam com essa crise hídrica. A água não é só uma dificuldade para os personagens superarem, há camadas de profundidade na maneira como eles se relacionam com esse recurso

e o tornam um grande símbolo na narrativa, seja um símbolo de prosperidade e riqueza para as famílias imperiais, seja um símbolo irreverente de vitalidade e união para os fremen.

É nesse apreço pela água que se mostra presente em *Duna* um ideal muito comum em narrativas *cli-fi*, a busca pela sobrevivência. As soluções sustentáveis que os fremen encontraram e que fazem parte de sua formação cultural denota esse desejo de sobreviver aliado ao fator adaptação, outro conceito chave quando se discute este tipo de narrativa que trata de mundos climaticamente modificados (MEHNERT, 2016, p. 72). Apesar dos poucos recursos disponíveis, esta tribo consegue sobreviver e prosperar no deserto, mesmo em condições climáticas extremas, entretanto, ela o fez através da adoção de práticas sustentáveis de preservação dos recursos naturais disponíveis. Chama a atenção o caráter visionário do autor e a maneira como ele se mostra sensível às questões ambientais do mundo através do enredo de sua narrativa.

3.3 Os fremen e a Especiaria

Assim como a água, na narrativa de Herbert a Especiaria está ligada diretamente à geração de lucros, devido às suas possibilidades de utilização, causando uma disputa violenta entre as casas que protagonizam o romance. Enquanto para o império este recurso é um sinônimo de progresso, mas também de desavenças, para os fremen ela possibilita o oposto, a união. Esta união ocorre de dois modos, no primeiro é uma união mental, já mencionada anteriormente, que possibilita o senso de comunidade que se percebe nesse povo. No segundo é a união de práticas e usos da Especiaria na confecção de itens diários como papéis e plásticos (HERBERT, 2017, p. 439) e na alimentação (HERBERT, 2017, p. 382).

Desse modo, é possível enxergar um paralelo na relação que os fremen têm com a Especiaria com a relação que diversas tribos nativas têm com as riquezas naturais dos ambientes que os cercam. Em ambos os cenários há uma relação íntima e cosmológica entre a natureza e a cultura de um povo nativo, pois eles utilizam os produtos do meio ambiente em seu dia a dia para seu sustento e têm o avanço da exploração com fins lucrativos como uma ameaça à sua integridade física e cultural. Uma das problemáticas que a crise ambiental atual enfrenta é a perda dessa consonância dos seres humanos com a natureza. Krenak (2019, p. 11) trata dessa questão como um descolamento que a espécie humana teve da Terra, para o autor a separação entre o homem e a natureza não existe, todos os seres vivos partilham de uma ligação única e indissolúvel com a natureza e voltar a perceber esta ligação é o que fará com que a sociedade

enxergue a necessidade de adoção de políticas de preservação e de um modo de vida sustentável, retomando a Terra das grandes corporações que predam os recursos naturais.

Sob essa ótica, Heise (2008, p. 33²²) aponta que:

Certas características se repetem em uma ampla variedade de perspectivas ambientalistas que enfatizam um senso de lugar como um pré-requisito básico para a conscientização e o ativismo ambiental. Muitos deles, como tentei mostrar, associam proximidade espacial, compreensão cognitiva, apego e uma ética de responsabilidade e “cuidado”.

Como analisado, a preocupação dos fremen com a água e com a Especiaria demonstra seu apego com os produtos da sua terra e a responsabilidade que eles têm para com esses recursos. Além disso, a proximidade espacial também é presente por morarem em cavernas no meio do deserto. Essa aproximação é o que também incita o início de um pensamento mais ambientalista no protagonista Paul.

Essa unidade, senso de comunidade e interdependência percebida nas tribos nativas e nos fremen em *Duna*, também se mostra como uma das bases para a tomada de ação face ao desequilíbrio ambiental que se vê cada dia mais evidente. A dimensão global das questões ambientais propõe um desafio no seu enfrentamento, como Scranton (2015, p. 36²³) afirma, “Um dos aspectos mais difíceis de lidar é que se trata de um problema de ação coletiva da mais alta ordem. Uma cidade, um país, mesmo um continente não podem resolvê-lo sozinho”. Isto é, retomar a conexão com a natureza perdida e entender a necessidade de construir um senso de comunidade para que se haja coletivamente no enfrentamento do problema é um primeiro passo em busca da mudança que objective o equilíbrio natural.

Ainda é possível perceber no romance de Herbert, a importância da sensibilização social como uma ferramenta para promover qualquer tipo de mudança de teor ambiental no planeta: “Para o planetólogo prático, o instrumento mais importante são os seres humanos [...] É preciso cultivar o conhecimento ecológico entre as pessoas. Por isso criei essa forma inteiramente nova de notação ecológica” (HERBERT, 2017, p. 355). Este também resume bem um dos objetivos primeiros da ecocrítica e também deste trabalho, o de fazer conhecer cada vez mais as questões ecológicas através da literatura, para assim possibilitar a sensibilização da população de modo

²² No original: “certain features recur across a wide variety of environmentalist perspectives that emphasize a sense of place as a basic prerequisite for environmental awareness and activism. Many of them, as I have attempted to show, associate spatial closeness, cognitive understanding, emotional attachment, and an ethic of responsibility and “care””.

²³ Original: “One of the most difficult aspects to deal with is that it is a collective-action problem of the highest order. One city, one country, even one continent cannot solve it alone.”

que a crise climático-ambiental seja combatida ou ao menos refreada. É possível notar também que Herbert utiliza da metalinguagem para falar de sua própria obra como um meio de veicular as suas preocupações ecológicas.

Nessa mesma lógica, Dipaolo (2018, p. 137) afirma que, embora os momentos de crise agravem as diferenças e fomentem cada vez mais os conflitos que dividem uma determinada comunidade, nas esferas política, racial, de classe e social de modo geral, é imperativo que a solidariedade os supere para que mudanças reais sejam estimuladas. Mehnert (2016, p. 213) também evidencia que, nas narrativas ficcionais de mudanças climáticas analisadas por ela, uma das recorrentes saídas da crise é a participação social e o reconhecimento do papel do outro na coletividade. Assim, é percebido que mais um conceito vital no quesito sobrevivência presente em narrativas que tratam de crises climáticas é a união das pessoas através da empatia e da solidariedade, união não somente com a formação de grupos, mas que também envolve o diálogo, a troca de ideias e o respeito mútuo.

Apesar disso, o modo como os fremen utilizam a Especiaria na narrativa também serve de argumento para o império reforçar as desigualdades e marginalizar ainda mais esse povo. Quando consumida em demasia a Especiaria deixa os olhos do usuário em tonalidades de azul, às pessoas que possuem esse traço é atribuído um caráter de inferioridade no círculo social do império. O Barão Harkonnen, um personagem que corporifica de maneira extrema os ideais capitalistas, despreza estas pessoas e faz até mesmo uma alusão negativa à classe proletária, quando os referencia: “Veja os olhos dele! Poderia ter saído diretamente do proletário arrakino” (HERBERT, 2017, p. 36). Tendo em mente a simbologia da Especiaria para os fremen como uma conexão com o meio natural, é possível enxergar mais uma crítica do autor ao modo como são enxergados aqueles que têm uma relação mais íntima com o meio ambiente, dos quais as práticas não coadunam com os ideais de progresso e desenvolvimento desenfreado e predatório que sustenta o acúmulo de capital.

3.4 A ecologia de Duna: analisando o passado e planejando o futuro

Ao final do romance, o leitor de Herbert se depara com quatro apêndices, o primeiro deles intitulado “A Ecologia de Duna”. Nesta seção, o autor narra a história do primeiro planetólogo do planeta Arrakis e as suas descobertas. Uma destas descobertas é que, um dia, houve água a céu aberto no planeta deserto. Ao considerar esse fato juntamente com os planos fremen de estabelecimento de um ecossistema equilibrado em Duna, é pertinente evocar o futuro ancestral de Krenak (2022, p. 11): “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos

em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral porque já estava aqui”. Imaginar uma realidade de um meio ambiente que prospere nada mais é do que retomar a ligação ancestral com a natureza que um dia já triunfou no planeta. Apesar de a narrativa de Herbert não explicitar o motivo pelo qual a água sumiu do planeta, é importante olhar para além de um porquê e ver como os povos que lá habitam se adaptaram a um ambiente climaticamente hostil e quais são os planos para esse meio ambiente. Nesse quesito, adaptação e mitigação são palavras-chave para discutir essas ideias.

No contexto real, vale lembrar que o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), ramo da ONU que investiga, analisa e relata dados sobre mudanças climáticas, delimitou três grupos de investigação para construir seus relatórios. O parecer para governantes do chamado *Working Group II* (Grupo de trabalho II) que tem como foco os “Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade”, demonstra que a adaptação é uma saída possível nas esferas econômica, institucional, tecnológica, social, natural e geofísica (IPCC, 2022, p. 22). Além de provar a viabilidade desse recurso, o relatório do *WGII* lista maneiras de como essa adaptação pode acontecer em cada uma dessas instâncias. Sendo uma constante na história do planeta, a adaptação de indivíduos e de sistemas se mostra necessária em emergências amplamente perceptíveis. É precisamente nesta questão que a problemática climática encontra um freio. A inconstância no modo e intensidade que as suas consequências atingirão o planeta somado com o fato de não estarem diretamente presentes no cotidiano das relações torna a crise climática difícil de ser endereçada, requerendo um maior esforço crítico por parte da humanidade (PELLING, 2011, P. 14).

Traçando paralelos com a questão da adaptabilidade, Pelling (2011, p. 82), conceitua resiliência no contexto de mudanças climáticas como um exercício que busca “proteger aquelas atividades percebidas por um ator como benéficas para o bem-estar humano e a sustentabilidade ecológica, mas ameaçadas por pressões atuais ou futuras”. Nesse contexto, a resiliência se mostra como uma ferramenta ativa de busca pela preservação através de mudanças na organização social de fatores que ameacem a sobrevivência humana e do intrincado sistema de criaturas vivas que compõem os ecossistemas de um planeta. Esta conceituação está em consonância com os ideais de sustentabilidade que foram detalhados anteriormente e que também puderam ser percebidos ao longo da narrativa de Herbert como formas de superar, até certo ponto, as dificuldades que o calor extremo e a baixa umidade impõem.

Em outro momento de *Duna*, é exposto que um dos objetivos do povo fremen em Arrakis é tornar a natureza do planeta mais adequada para a vida humana. Sobre isso, um dos líderes dos fremen comenta: “Nossa geração não verá isso, nem nossos filhos, nem os filhos de

nossos filhos, nem os netos deles... mas virá. [...] – Água a céu aberto, plantas verdes e altas e pessoas andando livremente por aí, sem os trajestiladores.” (HERBERT, 2017, p. 377). Esta ideia que o excerto expõe perpassa a discussão do termo *environmental time*. Este conceito é importante na discussão de mudanças naturais, pois compreende a necessidade de uma concepção temporal diferente da percebida pelo ser humano e que “abrange os processos e transformações da natureza tidos como certos, que muitas vezes não são detectados pelo olho humano” (MEHNERT, 2016, p. 95, tradução nossa²⁴).

Apesar de não se passar na Terra, a leitura do enredo de *Duna* pode ser aplicada para se pensar criticamente na crise ambiental e climática pela qual ela está passando, uma vez que a ficção:

oferece os recursos para dramatizar e negociar entre o curto e o longo prazo, criando relações narrativas entre passado, presente e futuro, entre humanos e meio ambiente, ao mesmo tempo em que expõe os perigos potenciais que uma bifurcação do tempo apresenta. Particularmente no caso das mudanças climáticas, tão difíceis de perceber por causa de sua latência, um engajamento mais profundo com o tempo pode abrir novas perspectivas sobre as temporalidades ambientais (MEHNERT, 2016, p. 96²⁵).

Dado o seu caráter ficcional, o universo de *Duna* consegue retratar as mudanças que ocorrem na natureza de forma mais direta do que podem ser vistas no mundo real, de modo a possibilitar com que o leitor entre em contato com essa mudança e possa pensar criticamente sobre ela, sendo esse um dos papéis da literatura, aguçar o leitor criticamente para o mundo ao seu redor, desenvolvendo e aprimorando sua percepção em relação ao ambiente que lhe cerca (CANDIDO, 2011, p. 182).

Para além do enredo, a preocupação com a pauta ecológica se mostra presente também nos elementos pré-textuais de *Duna*, na dedicatória de seu romance, Herbert (2017, p. 16) escreve: “Às pessoas cuja labuta ultrapassa as ideias e invade o domínio do ‘real’: aos ecólogos das terras áridas, onde quer que estejam, não importa a época, fica dedicada esta tentativa de profecia, com humildade e admiração”. É singular a maneira como, mesmo 58 anos atrás, o autor já visionava e escrevia sobre questões ambientais. Sob essa ótica, vale retomar o termo “violência lenta” de Nixon (2013) e apontar a maneira como o escritor foi sensível para notar

²⁴ Original: “encompasses those taken-for-granted processes and transformations of nature, which often remain undetected by the human eye”

²⁵ Original: “offers the resources to dramatize and negotiate between the short and the long term, creating narrative relationships between past, present, and future, between humans and the environment while exposing the potential dangers that a bifurcation of time presents. Particularly in the case of climate change, which is so difficult to perceive because of its latency, a more profound engagement with time may open up new perspectives on environmental temporalities.”

uma problemática que ainda estava começando a ser discutida amplamente e havia começado a ganhar mais forma somente 3 anos antes com a publicação de *Primavera Silenciosa* de Rachel Carson. Nesse sentido, revela-se a ideia de Ezra Pound em *ABC da literatura* de que os artistas são mais aguçados para as mudanças e as percebem antes do público geral (POUND, 2006, 78).

Ainda nesse sentido, é possível perceber no romance de Herbert uma preocupação também com o equilíbrio natural de um sistema ecológico:

O que o analfabeto em ecologia não percebe em relação a um ecossistema”, dizia Kynes, “é que se trata de um sistema. Um sistema! Um sistema mantém uma certa estabilidade fluida que pode ser destruída por um deslize em apenas um nicho. Um sistema tem ordem, uma correnteza que flui de um ponto a outro. Se algo represar a correnteza, a ordem desmoronará. Os inexperientes talvez só percebam esse desmoronamento quando já for tarde demais (HERBERT, 2017, p. 630).

O recorte demonstra a preocupação do autor em fazer entender a necessidade de um pensamento ecológico crítico. Através da ficção, Herbert transmite ao seu leitor a ideia central da ecologia, o equilíbrio, ideia esta que está presente na sustentabilidade e que deve servir de base para um novo modo de pensar a sistemática para com a qual o ser humano se relaciona com a Terra.

Em *Learning to Die in The Anthropocene: reflections on the end of a civilization* [Aprendendo a morrer no Antropoceno: reflexões sobre o fim de uma civilização], Roy Scranton (2015, p. 22) argumenta que a sobrevivência da humanidade ao colapso da sociedade capitalista que se escora na queima de combustíveis fósseis, dependerá de sua capacidade de repensar os modos de vida atuais enquanto trabalha para construir uma nova maneira de agir baseada em toda a produção cultural e intelectual até agora produzida. Entretanto, a empreitada para mudar um modo de vida já tão entranhado na população não se constitui como uma simples tarefa. Scranton delinea que para que ela ocorra:

vamos precisar de mais do que relatórios científicos e políticas militares. Vamos precisar de novas ideias. Vamos precisar de novos mitos e de novas histórias, de um novo entendimento conceitual de realidade e de uma nova relação para com as tradições políglotas profundas da cultura humana que o capitalismo baseado no uso do carbono tem corrompido através da comoditização e da assimilação. Para além do capitalismo e em oposição a ele, precisaremos de um novo meio de pensar a nossa existência coletiva. Precisamos de uma nova visão de quem somos “nós” (SCRANTON, 2015, p. 19²⁶).

²⁶ Original: “we’re going to need more than scientific reports and military policy. We’re going to need new ideas. We’re going to need new myths and new stories, a new conceptual understanding of reality, and a new relationship to the deep polyglot traditions of human culture that carbon-based capitalism has vitiated through commodification and assimilation. Over and against capitalism, we will need a new way of thinking our collective existence. We need a new vision of who “we” are.”

Este novo entendimento de uma coletividade pode ser alcançado através da apreensão da cosmologia de povos nativos que já possuem uma prática de unidade entre indivíduos com a integração de seus outros costumes ambientalmente sustentáveis.

Vale salientar que a incorporação de conhecimentos indígenas na adoção de práticas sustentáveis e de mitigação dos efeitos da crise climática atual tem base científica. Retomando as perspectivas do IPCC, os próprios relatórios apontam isso:

Os Povos Indígenas possuem sistemas de conhecimento e práticas que lhes permitem se adaptar a muitas mudanças climáticas. Iniciativas de adaptação baseadas no conhecimento e nas práticas indígenas são mais sustentáveis e legítimas entre as comunidades locais. É importante construir parcerias eficazes e respeitosas entre pesquisadores indígenas e não indígenas que produzirão conjuntamente conhecimento relevante para o clima para aprimorar o planejamento e a ação de adaptação na região (IPCC, 2022, p. 1770²⁷).

Esse excerto foi retirado do relatório do *Working Group II*, que possui um capítulo dedicado às Américas central e do sul. Através desse recorte, percebe-se que os conhecimentos desses grupos devem servir de orientação na busca por soluções para as questões ambientais. Em *Duna* é percebido que o modo de vida que os fremen possuem poderia ser seguido como modelo pelos outros habitantes do planeta para que se pudesse controlar a crise hídrica com mais facilidade, evitando as disparidades existentes entre a classe que possui muita água e aquela que enfrenta cada dia uma batalha diária por recursos hídricos.

Apesar dos grandes esforços dos fremen para tentar contornar as crises planetárias de Arrakis e buscar um equilíbrio natural para o planeta, até certo ponto na narrativa, o seu progresso ainda é bastante lento e sem a força necessária para causar um impacto relevante. Tal força, entretanto, chega na forma do protagonista Paul Atreides que, ao se unir com os fremen, serve como um elo entre as duas grandes instâncias de domínio do planeta deserto, uma família de uma Casa Maior e os próprios nativos fremen.

4 PAUL MUAD'DIB: O CAMINHO DA MUDANÇA

4.1 A trajetória do protagonista: o herói de muitos nomes

²⁷ Indigenous Peoples have knowledge systems and practices that allow them to adapt to many climatic changes. Adaptation initiatives based on IK and practices are more sustainable and legitimate among local communities. It is important to build effective and respectful partnerships among Indigenous and non-Indigenous researchers to co-produce climate-relevant knowledge to enhance adaptation planning and action in the region.

Filho do duque Leto Atreides, Paul Atreides é o protagonista do romance de Herbert. Um fato importante para entender a trajetória deste personagem é saber que ele veio do planeta Caladan, um planeta com muitas fontes de água a céu aberto, para Arrakis, que possui um deserto cobrindo toda a extensão de sua superfície. Isso leva ao primeiro choque que o personagem tem na trama, e que desencadeia o início de sua mudança de caráter e entendimento da realidade do povo arrakino.

Entretanto, para que Paul entenda a dimensão do problema, algumas lições lhe são ensinadas, como a necessidade de entendimento do mundo natural e a abdicção do medo. Compreender a natureza que cerca a humanidade, promovendo o sentimento de unidade com ela é crucial para agir frente a uma crise ambiental. Na narrativa de Herbert, o protagonista entra em contato com esse conhecimento através de uma anciã que lhe visita antes de sua partida para Arrakis:

Ela disse que o bom governante tem de aprender a língua de seu mundo, que é diferente para cada planeta. E eu achei que ela queria dizer que não se falava galach em Arrakis, mas ela disse que não era nada disso. Disse que estava falando da língua das pedras e das coisas vivas, a língua que não se escuta apenas com os ouvidos (HERBERT, 2017, p. 54).

Esta questão está ligada diretamente com o descolamento da terra tratado por Krenak (2019, p. 11) e a necessidade de reaver essa ligação com o meio ambiente através da aprendizagem, fator que também está presente nas cosmologias nativas.

Para além da mudança radical no espaço em que vive, quando a família de Paul é atacada em Arrakis e ele precisa se exilar no deserto e se juntar aos fremen, ele entra em contato com uma realidade totalmente distinta da sua própria. Sendo herdeiro de uma das Casas Maiores e vindo de um planeta abundante em água, o protagonista do romance precisa aprender tudo que se faz necessário neste novo planeta para sobreviver, enquanto lida com a escassez de água e de recursos que antes não eram empecilhos ou sequer preocupações em sua vida.

Ao longo da narrativa de Herbert, Paul Atreides recebe vários outros nomes, alguns escolhidos e outros dados a ele. Entender o significado desses nomes se mostra crucial para entender o personagem em sua integridade no enredo. Essas nomeações são: “MAHDI: nas lendas messiânicas dos fremen, ‘Aquele que Nos Levará ao Paraíso’” (HERBERT, 2017, p. 662); “LISAN AL-GAIB: ‘A Voz do Mundo Exterior’. Nas lendas messiânicas dos fremen, um profeta de outro planeta. Traduzido às vezes como ‘Doador da Água’” (HERBERT, 2017, p. 662); “MUAD’DIB: o rato-canguru adaptado a Arrakis, uma criatura associada, na mitologia fremen do espírito da terra [...]. Essa criatura é admirada pelos fremen por sua habilidade de

sobreviver no deserto aberto” (HERBERT, 2017, p. 664); “USUL: no idioma fremen, ‘a base da coluna’” (HERBERT, 2017, p. 672); e “KWISATZ HADERACH: ‘encurtamento do caminho’” (HERBERT, 2017, p. 661).

Paul é chamado de Mahdi e Lisan al-Gaib pelos nativos de Arrakis logo que chega ao planeta sem sequer conhecer propriamente os costumes locais. Essas duas nomenclaturas servem de *foreshadowing* para o que acontecerá após a chegada dele ao planeta e o papel que ele irá cumprir para com o povo de lá. Ambas as definições apontam para a missão messiânica que o personagem cumpre no enredo, guiando os povos fremen para uma estabilidade social e cultural melhor através de sua influência no império, o que se traduz também em “A voz de outro mundo”. É percebido mais uma vez aqui a importância simbólica da água no planeta e como ela também está relacionada com um ideal de paraíso que se opõe a realidade árida onde os fremen vivem. “Doador da Água” também faz alusão ao episódio em que Paul chora pela morte de um fremen e isso é visto como um doar de água aos mortos.

Muad’dib é o nome que Paul escolhe quando é aceito no grupo dos fremen. O nome faz referência ao rato que conhece e sabe sobreviver no deserto de Duna, habilidades que Paul ganha no decorrer da narrativa. Ao adotar esse nome para si, Paul estabelece uma identidade que tem consonância com o deserto de Arrakis e o torna pertencente àquele lugar tanto quanto os fremen. A figura do rato também implica que a salvação vem do próprio deserto e da própria natureza. Vale ressaltar que Paul decide manter o seu primeiro nome e usar Muad’dib como seu segundo, reforçando seu papel como um elo entre duas instâncias distintas e rivais, o império e os fremen. Esse nome também é como Paul ficará conhecido depois dos acontecimentos da narrativa. É possível inferir isso pelas epígrafes presentes em cada capítulo, que possuem como fonte textos fictícios escritos pela mulher de Paul, Irulan e que contam a história do profeta Muad’dib com os seguintes títulos: “A história de Muad’Dib para crianças”, “a humanidade de Muad’Dib”, “Muad’Dib: Memorial da família”, “Manual de Muad’Dib”, entre outros.

Enquanto Muad’dib é o nome fremen que Paul utiliza publicamente, Usul é o nome que lhe é dado pelos próprios fremen para ser usado na comunidade. A ideia de Paul como uma “base” coaduna com todas as outras nomenclaturas a ele atribuídas no sentido de que ele será o início de uma nova era para os fremen e para o planeta deserto de Arrakis, servindo como um sustento para que se construa um novo modo de viver e de governar em Duna. O termo também ressalta o fato de Paul ser a base da coluna, mas não a coluna inteira, mostrando que as mudanças e a sustentação desse novo paradigma também se faz com o auxílio de outros para além dele mesmo.

Por fim, Kwisatz Haderach é um nome que, na cronologia da narrativa, já existia antes de Paul e define o indivíduo maior da ordem das Bene Gesserit que, segundo as lendas na narrativa, possuiria poderes capazes de unir tempo e espaço. Vislumbrar Paul como o “encurtamento do caminho” possibilita entender que o que ele desempenha na narrativa vai de algum modo possibilitar o alcance de algum objetivo mais rapidamente. Este objetivo é, na narrativa de Herbert, a mudança na forma como a Especiaria é explorada em Arrakis e também a possibilidade de terraformação do planeta para construir um ambiente mais habitável para todas as formas de vida, inclusive humana.

A múltipla nomeação de um único personagem no enredo de *Duna* aponta para dois entendimentos. Em primeiro lugar, ao analisar as definições de cada um desses títulos é possível situar claramente o personagem e o seu papel na trama. Paul é um jovem que vem de outro planeta para habitar Arrakis, apesar disso, ele é aceito no meio dos nativos e acaba sendo naturalizado no planeta por eles mesmos, o que por sua vez demonstra a construção de uma identidade dupla que serve como um elo entre os que estão no poder (Casas Maiores) e aqueles que não possuem voz (fremen). Desse modo, possibilitando a visibilidade das causas daquele povo nativo, Paul consegue encurtar o caminho para que eles possam enfim realizar seus objetivos para com o seu planeta natal.

Em segundo lugar, é possível enxergar a complexidade do herói da narrativa através de sua personalidade multifacetada adquirida com as diferentes denominações que recebe. Personagens desse tipo podem ser denominados esféricos (FORSTER, [1927]/(2002), p. 48), apresentando uma grande variedade de características, dentre elas psicológicas, sociais, ideológicas e morais, e “serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender” (CANDIDO, 2014, p. 63). Paul não só apresenta múltiplas características como é possível perceber também mudanças nesses quesitos ao longo do texto narrativo.

O protagonista passa por mudanças psicológicas em seu estado de espírito, passando por sentimentos de alegria, tristeza, medo, raiva, que vão aparecendo e desaparecendo com o desenrolar da trama. Paul sente medo ao se deparar com a hostilidade da vida no deserto, mas segurança quando vislumbra a possibilidade de promover mudanças nesse ambiente, sente tristeza quando perde o seu pai, mas alegria por ser acolhido pelos nativos fremen e se tornar um só com eles. Fatores que promovem também um desenvolvimento da maturidade do personagem e mudanças também ideológicas frente a uma realidade que lhe possibilitou ampliar seus horizontes.

Socialmente é percebida a troca abrupta de classe social, de herdeiro de uma Casa Maior para um integrante de uma tribo nativa fremen no deserto de Arrakis, fato que acompanha também uma drástica mudança no modo de vida ao sair de uma realidade confortável para uma em que a sobrevivência está constantemente em jogo com a crise hídrica planetária e a guerra constante que se desenrola no planeta. No desenlace da narrativa também há a repentina ascensão ao cargo de imperador.

Também é perceptível, pelo tom narrativo, a inclinação de Paul para o lado moral e honesto da trama, se opondo ao antagonista barão Harkonnen que se mostra sempre como um extremo da perversidade. Entretanto, ao contrário do vilão que só é perverso, o herói possui outros lados que vão além de uma moral pura:

Era guerreiro e místico, ogro e santo, a raposa e o inocente, galante, cruel, menos que um deus, mais que um homem. Não há como medir as razões de Muad'Dib com critérios comuns. No momento de seu triunfo, viu a morte que lhe prepararam, mas aceitou a traição. Pode-se dizer que fez isso por ter senso de justiça? A justiça de quem, então? Lembre-se: falamos agora do Muad'Dib que mandou fazer tambores de batalha com a pele dos inimigos, o Muad'Dib que rejeitou as convenções de seu passado como duque com um aceno da mão, dizendo simplesmente: "Sou o Kwisatz Haderach" (HERBERT, 2017, p. 592).

O trecho anterior justifica a discussão até aqui traçada sobre Paul, a de sua identidade multifacetada que compõe um personagem complexo, mas verossímil.

Toda essa caracterização multiforme e a sua flutuação de interesses, posições sociais e preceitos morais possibilita uma maior afinidade do leitor com a narrativa. Ao representar um herói com mudanças de humor e caráter, que possui incertezas em sua jornada, mas que mantém intacta a verossimilhança do enredo, Herbert cria intimidade e possibilita com que o leitor se enxergue mais facilmente na posição de seu protagonista. Entender o personagem de Paul como um catalisador na luta de questões ambientais no romance e torná-lo relacionável é uma maneira de chamar aquele que lê para a ação através do texto literário.

Nessa perspectiva, é possível notar em *Duna*, o que Mehnert (2016, p. 188) afirma quando analisa obras que representam consequências de uma crise climática, que essa literatura consegue ir além do convencional alarmista e apocalíptico e consegue captar nuances sociais, éticas e morais particulares da sociedade que fogem do simplório embate bom contra mal. Desse modo, a narrativa consegue atingir o público e promover, com muito mais eficácia, um sentimento de empatia para com as gerações futuras e os indivíduos de diferentes contextos socioeconômicos.

Vale apontar que, apesar de parecer uma obra que retrata o arquétipo do salvador branco e possuir elementos que corroboram essa ideia, como a figura messiânica que vem de fora e não surge de dentro do próprio povo, é necessário enxergar a perspectiva geral do texto narrativo para desconstruir essa visão. Como apontado anteriormente, Herbert, através da literatura, convoca o seu leitor a agir frente a uma questão de crise ambiental, mas o impacto necessário para se fazer isso é através de um personagem que vive num contexto tranquilo e sem preocupações e da noite pro dia, juntamente do leitor, se choca com uma natureza selvagem e hostil e se vê na necessidade de tomar uma iniciativa em busca da sobrevivência. Herbert antecipa para o leitor o futuro que todos os seres humanos estão fadados a enfrentar um dia se a população não enxergar o problema e medidas drásticas não forem tomadas.

4.2 Percebendo o problema

Quando chega em Arrakis, Paul ainda não consegue compreender o problema em sua totalidade, mas frações dele, é somente quando ele se encontra perdido no deserto que isso acontece. Nesse episódio, o protagonista acaba inalando uma grande quantidade de Especiaria emanada da areia do deserto e passa por um momento de descontrole e medo com relação a sua presente situação. Esse trecho pode ser entendido como uma representação da consciência da escala do problema ambiental que pode causar sentimentos negativos naqueles que percebem e se sensibilizam com a urgência da crise natural pela qual o planeta Terra passa.

Scranton (2015), ao longo de *Learning to Die In the Anthropocene*, trata da questão do medo frente à crise climática como algo a ser deixado de lado, no sentido de haver a necessidade de agir sem hesitação e compreendendo que o futuro que espera a humanidade já não é favorável para a sua sobrevivência, isto é, as consequências já estão acontecendo e vão se intensificar, resta deixar de lado o temor e partir para a ação. Em *Duna*, quando enfrenta uma situação em que sente medo ou hesitação em agir, Paul recita as seguintes palavras que aprendeu de sua mãe:

Não terei medo. O medo mata a mente. O medo é a pequena morte que leva à aniquilação total. Enfrentarei meu medo. Permitirei que passe por cima e através de mim. E, quando tiver passado, voltarei o olho interior para ver seu rastro. Onde o medo não estiver mais, nada haverá. Somente eu restarei (HERBERT, 2017, p. 301).

Vale salientar que o medo tratado aqui se refere aquele que acompanha muitos indivíduos, em especial jovens, e que leva a incerteza e a sentimentos de tristeza, raiva, mágoa

e impotência frente às mudanças climáticas, sendo por vezes nomeado como eco ansiedade ou ansiedade climática (HICKMAN et al., 2021).

Outro fator no qual Paul precisa se confiar para poder entender a realidade de Arrakis e as necessidades específicas que vêm à tona com a mudança de seu planeta natal para o planeta deserto, é o aprendizado. A importância do aprendizado para o protagonista fica evidente na própria narrativa:

Muitos notaram a rapidez com que Muad'Dib aprendeu as necessidades de Arrakis. [...] Muad'Dib aprendeu rápido porque primeiro lhe ensinaram como aprender. E a primeira lição de todas foi desenvolver a confiança fundamental de que ele era capaz de aprender. É surpreendente saber quantas pessoas não acreditam ser capazes de aprender e quantas outras creem que aprender é difícil. Muad'Dib sabia que toda experiência era uma lição (HERBERT, 2017, p. 97).

São sob essas circunstâncias que, em seu exílio nos confins do deserto, Paul entra em contato com os fremen. Nesse encontro ele começa a aprender sobre a importância da água e da Especiaria para aquela comunidade, e se vê inserido em um modo de vida que se baseia em práticas sustentáveis para com a utilização desses recursos e no entendimento de uma unidade com a natureza. Esse trecho também deixa clara uma das mensagens que Herbert tenta transmitir ao seu leitor através da narrativa de *Duna*, a necessidade de buscar aprender sobre ecologia para ser possível perceber o problema da crise ecológica do planeta Terra.

Nessa lógica, Heise (2008) desenvolve o termo eco-cosmopolitismo (*eco-cosmopolitism*). Essa ideia agrega à proposta base de cosmopolitismo, a unidade entre todos os humanos em uma aldeia mundial que nega fronteiras geográficas, de modo que se pense também na unidade existente entre o humano e o não humano como partes de um todo. Com base nesse novo conceito é possível investigar de que forma algumas comunidades, em contextos socioculturais específicos, estabelecem laços com o reino natural que os cerca enquanto se veem como parte constituinte da comunidade humana global (HEISE, 2008, p. 62). A prática de investigação do Eco-cosmopolitismo é o que se faz presente no momento de aprendizagem de Paul juntamente aos fremen. O protagonista busca entender de que modo essa comunidade se enxerga como componente de um sistema natural que é a biosfera de Arrakis, e isso é o que o levará a compreender e se juntar à causa ambiental pela qual esse povo luta.

Ao precisar lidar com uma realidade diferente da sua, o protagonista do romance de Herbert tem condições de perceber a problemática ambiental que ocorre em Arrakis. Chama atenção a necessidade de haver uma aproximação do problema para que ele possa ser notado. Esse mesmo obstáculo é encontrado no enfrentamento da crise climática da Terra, os dados

científicos, os quais são muitas vezes incompreensíveis para o olhar leigo, acabam por afastar a população que não faz parte do círculo científico do problema. Sobre essa questão, Mehnert (2016) propõe como uma maneira de realizar essa aproximação o contato com literatura que trate das mudanças climáticas, de modo mais específico o gênero *Cli-fi*.

4.3 Protagonizando a mudança: a tomada de ação

Após entrar em contato com a realidade arrakina, Paul decide tomar a frente dos povos fremen e os ajudar a alcançar o seu objetivo de retomar o controle de seu planeta natal. Nesse sentido, Scranton (2015), ao dissertar sobre a necessidade de uma tomada de ação frente a problemática do clima, escreve:

Nossa escolha é clara. Podemos continuar agindo como se amanhã fosse como ontem, ficando cada vez menos preparado para cada novo desastre que vem, e cada vez mais desesperadamente investidos em uma vida que não podemos sustentar. Ou podemos aprender a ver cada dia como a morte do que veio antes, libertando nós mesmos para lidar com quaisquer problemas que o presente oferece sem apego ou medo (SCRANTON, 2015, p. 19²⁸).

Como foi exposto, Paul aprende a desapegar do seu passado em que vivia longe de qualquer inconveniente com relação ao meio natural, isto é, não tinha contato com nenhum tipo de consequência da crise que se passava em Arrakis e consegue controlar seu medo para poder lidar com o problema que se apresenta nesta sua nova vida.

Após sua fase de aprendizado, Paul começa a ser uma parte integrante do todo que é a comunidade nativa dos fremen, estabelecendo, assim, um vínculo com aquele povo e com o meio ambiente que lhe cerca. Sobre o aprendizado passado por um povo nativo e a construção de um vínculo com a Terra, Krenak (2022, p. 117-118) afirma que:

As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedoras, pois para uns vencerem outros precisam perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida em que o indivíduo conta menos que o coletivo. Esse é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra.

²⁸ Original: Our choice is a clear one. We can continue acting as if tomorrow will be just like yesterday, growing less and less prepared for each new disaster as it comes, and more and more desperately invested in a life we can't sustain. Or we can learn to see each day as the death of what came before, freeing ourselves to deal with whatever problems the present offers without attachment or fear.

Estabelecido este vínculo e entendendo a sistemática ambiental de Arrakis, Paul consegue mobilizar uma revolução no planeta que culmina na tomada dos meios de extração e refinamento de Especiaria para os fremen, acabando com o ciclo de exploração imoderada desse recurso, levando justiça social para essa população e possibilitando o início da recuperação da biosfera arrakina com vistas a restabelecer o equilíbrio ecológico no planeta.

Ao final do romance, após vencer a guerra e tomar o lugar do imperador, Paul retoma a promessa que fez aos fremen:

Teremos água corrente, a céu aberto, e oásis verdejantes, uma fartura de coisas boas. Mas também temos de pensar na especiaria. Portanto, sempre haverá desertos em Arrakis... e ventos violentos, e provações para fortalecer um homem. Nós, fremen, temos um ditado: “Deus criou Arrakis para treinar os fiéis”. Não se pode contradizer a palavra de Deus (HERBERT, 2017, p. 618).

No trecho percebe-se que o plano dos fremen, e posteriormente de Paul, para Arrakis se mostra como a transição de um meio ambiente selvagem e quase inóspito para o seu oposto, uma utopia pastoral que agrega os sonhos de terras verdes e água em abundância no anseio pela sonhada redenção (GARRARD, 2006, p. 60). A promessa de Paul se mostra como “um ato político que concentra os esforços dos habitantes para a construção de um novo futuro” (PAK, 2016, p. 118). Um ato político que reforça a ideia de que a possibilidade de um novo futuro só existe com a participação social.

Ainda sobre os planos para com Arrakis, é interessante observar a utilização do conceito de terraformação por Herbert (2017, p. 357):

Temos de fazer em Arrakis uma coisa que nunca se tentou fazer com um planeta inteiro – disse o pai. – Temos de usar o homem como uma força ecológica construtiva, introduzindo formas de vida adaptadas a partir de similares da Terra, um vegetal aqui, um animal ali, um homem acolá, para transformar o ciclo da água, para criar um novo tipo de paisagem.

A noção de terraformação foi criada pelo escritor estadunidense Jack Williamson, também no contexto da ficção científica, em 1942, num conto intitulado *Collision Orbit* (Órbita de Colisão). Segundo Pak (2016, p. 01), a terraformação abrange uma série de processos para adaptar as condições ambientais de planetas extraterrestres à vida terrestre, seja humana ou animal através da modificação de fatores como clima, atmosfera, topologia e ecologia. Na narrativa de Herbert essa transformação do planeta está diretamente ligada a mudanças também socioculturais e de ordem econômica em Duna, criando uma teia intrincada de pré-requisitos,

impedimentos e preparações para atingir esse objetivo, dando a esse processo sua devida complexidade.

O romance de Herbert encerra-se com Paul pondo em xeque o imperador e tomando a sua posição no mais alto cargo do império, tendo poderes plenos para seguir com os planos de restabelecer o ecossistema de Arrakis. Neste final a narrativa adquire um tom de esperança, um respiro depois do caos da guerra e uma possibilidade de vislumbrar um futuro mais tranquilo e mais verde. Herbert tenta evocar no leitor o mesmo sentimento, a viabilidade de enxergar um futuro para além de uma crise climática, dependendo das ações de cada indivíduo.

Aqui pode ser retomada a nomeação Kwisatz Haderach que foi atribuída a Paul. Sendo “o encurtamento do caminho”, Paul entrou em contato com uma natureza selvagem e hostil, conseguiu aprender com os conhecimentos nativos o que era necessário para sobreviver naquele local e, com o que aprendeu, conseguiu agir e promover a mudança, assumindo o controle do planeta Arrakis e do império na totalidade. Tudo isso sendo possível através de sua sensibilização para com a causa socioambiental do planeta deserto Arrakis.

Vale salientar que, caminhando para o fim do romance de Herbert, o leitor se depara com algumas mudanças no caráter de Paul Muad'dib. O protagonista começa a se tornar mais arrogante e egocêntrico, não aceitando a opinião de outros membros de seu círculo para lidar com as questões de Arrakis. Entretanto, a coletividade é a pedra angular para a construção de um sentimento eco-cosmopolita e o desenvolvimento de um traço mais individualista pode causar o colapso do que foi até agora construído por Paul. Frank Herbert desenvolve essa ideia mais a fundo em *Messias de Duna*, segundo romance da primeira trilogia de *Duna*, em que vai minuciar como Paul realizou o plano de terraformar Arrakis.

5 CONCLUSÃO

Com o agravamento da crise ambiental no planeta Terra que vem acontecendo nos últimos anos como resultado da ação humana, se vê cada vez mais urgente engajar a sociedade na luta por um modo de viver e consumir que esteja em mais consonância com a natureza. Uma das formas de possibilitar essa tomada de consciência é através da literatura e dos estudos ecocríticos. Este trabalho possibilitou afirmar que, nas três instâncias analisadas da narrativa de Frank Herbert, o império, os fremen e Paul, foi possível observar traços de aproximação com a teoria ecocrítica. Estes traços estabelecem uma ponte entre a ficção e a realidade, de modo a aproximar o leitor da pauta ecológica tratada no enredo de *Duna*.

No que concerne ao império, foi possível compreender como a estruturação política do universo ficcional é uma exacerbação de ideais capitalistas. O barão Harkonnen corporifica a ganância e a insaciabilidade pelo acúmulo de capital enquanto despreza e busca prejudicar todos aqueles que se opõem a sua ideia de progresso. Como exemplo, o duque Leto demonstra uma maior afinidade com o povo nativo de Arrakis e acaba sendo morto a mando do barão. A exploração da Especiaria em Arrakis acontece de maneira imoderada e irresponsável com as formas de vidas que habitam aquele ecossistema, não existindo preocupação com o equilíbrio natural. Nesse meio, é possível enxergar a Especiaria como uma metáfora para os combustíveis fósseis e a água como um símbolo de riqueza e uma ferramenta utilizada pelo império para exercer poder em Duna.

Os fremen, por sua vez, se mostram como um amálgama de diversos pontos que caracterizam ideais presentes em diversas cosmologias nativas. Dentre eles há a preocupação com os recursos naturais, sendo eles a fonte de sustento de muitos desses povos, simbolizados na narrativa pela Especiaria, a misticidade por trás de elementos do meio ambiente, como a água no romance de Herbert, que para os fremen representa a própria vida, a importância da adoção de um modo de vida que se baseie em ideais sustentáveis e o senso de comunidade que une todos os indivíduos em um só sistema em conjunto também com a natureza.

O papel de Paul na narrativa é o de servir como um elo entre as duas últimas esferas, o império e os fremen. Sendo o protagonista do romance, ele é o personagem mais suscetível de estabelecer uma conexão com o leitor. Dito isso, foi possível concluir que Paul representa uma identidade muito crucial no combate às crises como aquele que vem de fora, mas consegue entender e se integrar numa realidade diferente da sua através do aprendizado e da empatia. Vale salientar que o aprendizado que Paul constrói vem dos próprios fremen, o que sinaliza também a necessidade de valorização da cultura nativa. Com isso, Herbert permite com que o leitor vislumbre possíveis rotas que podem ser percorridas para se tornar ele também um agente ativo na luta contra as mudanças climáticas e suas consequências.

Em suma, atingindo objetivo geral desta pesquisa e respondendo a pergunta norteadora desta investigação, no primeiro capítulo, o foco foi a representação de um capitalismo exacerbado, predatório do meio ambiente e socialmente injusto. No segundo, foi possível enxergar como os povos nativos se relacionam com a natureza e como estabelecem vínculos e práticas sustentáveis para com este meio ambiente. No terceiro, a maneira como Paul age frente à injustiça ambiental com os conhecimentos que ele adquiriu através dos povos nativos serve de guia para que o leitor perceba a possibilidade de uma mudança na perspectiva climática através da ação individual e coletiva.

É possível perceber que a narrativa de Herbert carrega em si a mensagem de necessidade de enfrentamento do problema desapegando dos sentimentos de medo ou insegurança que possam impedir um indivíduo de agir enquanto entra em contato com a realidade em crise, aprende com ela e age. Compreender o ambientalismo de Herbert, através da análise ecocrítica tecida neste trabalho possibilita um maior entendimento do problema e da forma como ele pode ser enfrentado. Este trabalho se deteve a uma análise mais geral do enredo de *Duna*, direcionar o foco para o capitalismo predatório do império ou no povo fremen de Arrakis oferecem muito potencial para possibilidades de investigações futuras, assim como a análise também das outras obras sequenciais de *Duna* e o desenrolar do plano de recuperação do ecossistema arrakino.

REFERÊNCIAS

ALLÉRÊS, D. *Paradoxo das estratégias de marketing das marcas de luxo*. Revista da ESPM, v.6, n.4, julho 1999. Disponível em: <https://arquivo.espm.edu.br/revista/Julho_1999/files/assets/basic-html/index.html#16> Acesso em: 12. dez. 2022

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: SOUZA, Geraldo Gerson (ed.). *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CRIPPS, Elizabeth. *What Climate Justice Means: And Why We Should Care*. 1. ed. Londres: Bloomsbury Continuum, 2022

DESCOLA, Philippe. Ecologia e Cosmologia. In: CASTRO, Edna; PINTON, Florence (org.). *Faces do Trópico Úmido: Conceitos e Questões sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Belém: Cejup, 1997. p. 243-261.

DIPAULO, Marc. *Fire and Snow: Climate Fiction from the Inklings to Game of Thrones*. 1. ed. Nova Iorque: SUNY Press, 2018.

DUPAS, G. *O mito do progresso*. São Paulo: Uniesp, p. 73 – 89, 2006.

FABER, Daniel R; MCCARTHY, Deborah. Neo-liberalism, Globalization and the Struggle for Ecological Democracy: Linking Sustainability and Environmental Justice. In: BULLARD, Robert D; AGYEMAN, Julian; EVANS, Bob (ed.). *Just Sustainabilities: Development in an Unequal World*. Londres: Routledge, 2001. cap. 2, p. 38-63.

FORSTER, Edward Morgan. *Aspects of the Novel*. Nova Iorque: RosettaBooks, 2002.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

GARRARD, G; HANDLEY, G; GOODBODY, A; POSTHUMUS, S. *Climate change scepticism: a transnational ecocritical analysis*. Londres: Bloomsbury, 2019.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Ed. UnB, 2006.

HEISE, Ursula K. *Sense of place and sense of planet: the environmental imagination of the global*. Nova York: Oxford University Press, 2008.

HERBERT, F. *Duna*. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Aleph, 2017.

HICKMAN, Caroline; MARKS, Elizabeth; PIHKALA, Panu; CLAYTON, Susan; LEWANDOWSKI, Eric; MAYALL, Elouise E; WRAY, Britt; MELLOR, Catriona; SUSTEREN, Lise. Climate anxiety in children and young people and their beliefs about government responses to climate change: a global survey. *The Lancet Planetary Health*, Bath, 2021. Disponível em:
<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2542519621002783>> Acesso em: 03 jan. 2023.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIPOVETSKY, G; SERROY, J. *A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

MEHNERT, Antonia. *Climate Change Fictions: Representations of Global Warming in American Literature*. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillian, 2016.

MOORE, J. W. Introduction. In: _____ (Org.) *Anthropocene or capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism*. Oakland: Kairos PM Press, p. 01-11, 2016.

NIXON, Rob. *Slow violence and the environmentalism of the poor*. Cambridge: Harvard University Press, 2013.

PAK, Chris. *Terraforming: Ecopolitical Transformations and Environmentalism in Science Fiction*. Liverpool: Liverpool University Press, 2016.

PELLING, Mark. *Adaptation to Climate Change: From resilience to transformation*. 1. ed. Nova Iorque: Routledge, 2011.

PINHEIRO, Hélder. Pesquisa em literatura: Atitudes e procedimentos. In: PINHEIRO, Hélder (org.). *Pesquisa em Literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2011.

POUND, Ezra *ABC da literatura*. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes, São Paulo: Cultrix, 2006.

RITCHIE, Hannah. ROSER, Max. ROSADO, Pablo. CO₂ and Greenhouse Gas Emissions. *OurWorldInData.org*, 2020. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/co2-and-other-greenhouse-gas-emissions>> Acesso em: 17. out. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MARTINS, Bruno Sena (org.). *O pluriverso dos direitos humanos: A diversidade das lutas pela dignidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. cap. 1, p. 41-66.

SCRANTON, Roy. *Learning to die in the anthropocene: reflections on the end of a civilization*. San Francisco: City Light Books, 2015.

SILVA, Suênio Stevenson Tomaz da. *Apocalypse, Sobrevivência e Pós-Humano: Uma Narrativa Ecocrítica da Trilogia Maddaddam, de Margaret Atwood*. 2019. Tese (Doutorado em literatura e interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, [S. l.], 2019.

SUBRAMANIAN, A; WEI, S. *The WTO promotes trade, strongly but unevenly*. Journal of International Economics, [s. l.], p. 151-175, 2007.

TEPPER, Jonathan; HEARN, Denise. *The Myth of Capitalism: Monopolies and the Death of Competition*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019.

TURNER, J. *SPICE: The History of a Temptation*. Nova Iorque: Vintage Books, 2005.

VEBLER, T. *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Pioneira, 1965.

ZHAO, Qi, et al. Global, Regional, and National Burden of Mortality Associated with Non-Optimal Ambient Temperatures from 2000 to 2019: A Three-Stage Modelling Study. *The Lancet Planetary Health*, vol. 5, no 7, julho de 2021.